

OFICINA

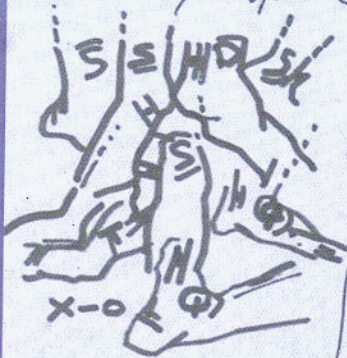
Não mais seu desejo ...

Seria!
 Vencer um século
 de plena poesia
 em menos décadas
 Ter toda certeza
 reafirmando anos,
 numa década só!
 Roubar de cada ano
 ali mento suficiente
 para muitos meses
 Criar algo suportável
 para uma mês
 em agenda de semana
 Viajar e urgência
 numa semana breve
 só apenas meios dias
 Ser amado
 serenamente, no
 desajustado dia
 de poucas horas
 Descobrir o silêncio
 e a torre absoluta
 gasta sem demora
 gritar aos ventos
 num minuto do Sol
 no dia tão vertical
 Inventar o segundo
 derrá deira
 na luz horizontal



Deixar o novo ano
 surgir em desenho
 cobrado ao pontual
 tal qual o souho
 ao ser por dentro
 reinava quando o
 Desenhos originais
 desfalcações
 em tempos seminais
 Seria estar antes
 que o bôo seja como nos
 Caminhantes

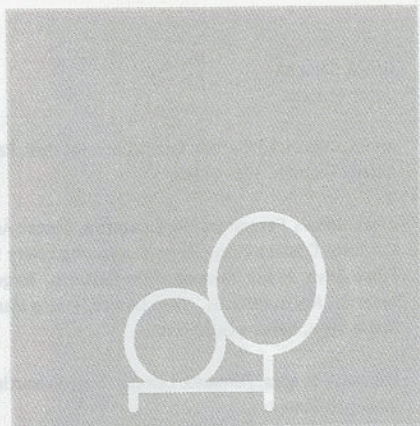
Dia-sim-dia-não
 dirigiu na duração
 eternos não revelados
 A idade do futuro
 que dá para perder
 o tempo de vencer
 Ser e não antever
 saber o não virtual
 e viver como esquecer
 Seria seria
 mais dia-muro-dia
 intervalos de morrer
 tempo
 reger que via
 58/8/16



Poesia nas escolas

Inéditos de:
 Fernando Lemos
 Martha Morais
 Feliciano de Mira
 Floriano Martins
 Lourenço Cardoso

Ensaio de:
 Vincenzo Russo



revista
OFICINA
de
POESIA

N.º 7
série II

COIMBRA
2 0 0 6

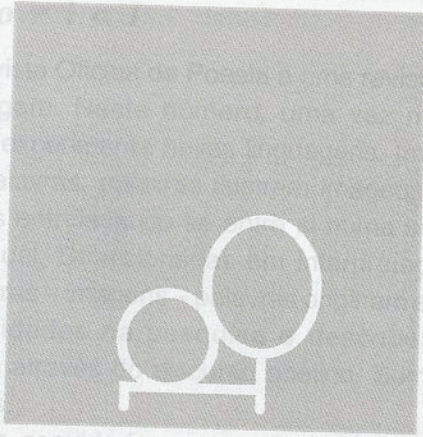
Publicação Cultural
A. Soares e A. P. Soares

Ficha Técnica

Directora	Graça Capinha
Subdirector	Jorge Fragoso
Conselho de Redacção	aNa B, Conceição Riachos, Graça Capinha, João Rasteiro, Jorge Fragoso, Liliana Vasques, Rita Grácio
Conselho Editorial	Aires Gomes Fernandes, Ana Catarina Costa, Ângela Canez, Cláudia Cardoso, Cristina Nery, Filipe Cravo, João Nery Sá, Jorge Vaz Nande, Filipe Silva, Filipe Tavares, João Rasteiro, Jorge Melícias, Margarida Amorim, Martha Morais, Nuno Duarte, Pedro Marqués d'Armas, Pedro Sousa Silva, Sandra Guerreiro
Colaboração especial	Feliciano de Mira, Fernando Lemos, Floriano Martins, Lourenço Cardoso, Vincenzo Russo
Propriedade Edição	Oficina de Poesia e Palimage Editores Palimage Editores
Capa	Palimage Editores sobre poema de Fernando Lemos
Apoio	Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Reitoria da Universidade de Coimbra CES – Cento de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
Contactos	Palimage Editores Apartado 3105 EC B. Balsa 3511-907 Viseu Tel. 232 432 244 – Fax 232 432 247 e-mail: palimage@palimage.pt
ISSN	1645-3662
Depósito Legal	222090/06
Execução Gráfica	Palimage / Publito
Distribuição	Palimage Editores Rua Conde D. Henrique, n.º 18, 1.º Esq. Fte. 4715-349 BRAGA Telef./Fax: 253 25 83 84 e-mail: distribuicao@palimage.pt

editorial

A revista Oficina de Poesia é uma revista da Palavra e da Imagem. Desde o seu lançamento há mais, a escrita poética exige a presença de imagens. As palavras juntam-se a palavras, e as imagens juntam-se a imagens. As palavras são imagens e as imagens são palavras. A sintaxe material e o visual das palavras e das imagens são variações variadas, as palavras têm muitas vezes múltiplas possibilidades de interpretação e de outros sentidos. Há sempre direções tentadas.



Como convidados apresentamos, neste número, os brasileiros Floriano Martins, poeta, tradutor e ensaísta (que se tem dedicado à cultura hispano-americana e à poesia), e Lourenço Cardoso, poeta, sociólogo e activista (actualmente a estudar e a trabalhar no Centro de Estudos Sociais, como bolseiro internacional de programa de bolsas de estudo para investigadores portugueses Fernando Pessoa e António de Mira (recentemente regressado dos muitos caminhos de Paris, de Moçambique e de outros lugares conhecidos pelas suas poesias e pelo seu trabalho de crítica e do surrealismo, com todos os seus diálogos com outros movimentos de poesia e de arte e das artes plásticas. A destacar, ainda a propósito deste número: "A Antologia da Poesia em Português" do italiano Vincenzo Cerulli, professor de Literatura Italiana na Universidade de Bolonha.

OFICINA de POESIA

revista da palavra e da imagem

Uma vez mais estes nomes se juntam aos/as poetas do curso livre "Oficina de Poesia" (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), como a brasileira Martha Moraes (co-autora de "A Antologia da Poesia em Português"), Sandra Guerreiro, Lídia Monteiro e outros/as, que

Palimage Editores
A Imagem e A Palavra

A revista *Oficina de Poesia* é uma revista da Palavra e da Imagem. Neste número, uma vez mais, a escrita poética experimenta novas linguagens. Imagens juntam-se a palavras, palavras ilustram imagens, palavras são imagens entrelaçando-se entre si numa sintaxe material e/ou visual. Direccionadas em interpretações variadas, as palavras – imagens – palavras originam essas múltiplas possibilidades na pesquisa e descoberta de outros sentidos através do discurso poético. Sempre direcções tentadas.

Como convidados apresentamos, neste número, os brasileiros Floriano Martins, poeta, tradutor e ensaísta (que se tem dedicado ao estudo da literatura hispano-americana, sobretudo no que diz respeito à poesia), e Lourenço Cardoso, poeta, sociólogo e activista (actualmente a estudar em Coimbra no Centro de Estudos Sociais, como bolseiro internacional do programa de bolsas da Fundação Ford); ainda os portugueses Fernando Lemos (radicado no Brasil) e Feliciano de Mira (recentemente regressado dos muitos caminhos de Paris, de Moçambique, do Brasil), já sobejamente conhecidos pelas suas poéticas que provêm da PO EX e do surrealismo, com todos os seus diálogos com outros movimentos de poesia experimental e das artes plásticas. A destacar, ainda a recensão de um convidado deste número: "A Antologia do Fim: O Século de Ouro Português" do italiano Vincenzo Russo, ensaísta, tradutor e professor de Literatura Portuguesa na Universidade de Bolonha.

Uma vez mais estes nomes se juntam aos/às poetas do curso livre "Oficina de Poesia" (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), como a brasileira Martha Moraes (com o seu soneto fotográfico "Acontece"), Sandra Guerreiro, Lílíana Marques, Filipe Tavares e outros/as, que

propõem, nas suas experiências, novos tratamentos estéticos e formais para a escrita, desconstruindo o discurso, ousando caminhos novos. Também de outros cursos de escrita criativa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, das opções “Poética e Escrita Criativa” e “Escrita Criativa no Ensino”, Olga Pascoal, a belga Lucie Lafaye, e Raquel Casqueira entre outros/as, se aventuram na procura de novas construções, apoiando-se sobretudo no poder da poesia visual.

A convite de algumas escolas, alguns e algumas poetas da “Oficina de Poesia” deslocaram-se a Lagares da Beira e Tomar, dinamizando acções de formação na área da Escrita Criativa para alunos/as e professores/as, uma prática de extensão universitária já há algum tempo integrada nas nossas actividades anuais. Deste trabalho, e como já aconteceu anteriormente, apresentamos uma pequena amostra. Verifica-se que a palavra está viva e que a prática pedagógica que leva à descoberta da escrita e da poesia pode ser uma estratégia de sucesso no amadurecimento intelectual dos jovens. Também um sinal de esperança pois a nossa pequena contribuição pode lançar alicerces que os motivem a olhar o mundo de uma forma mais interventiva, o que nos estimula a prosseguir.

A convite da Reitoria da Universidade de Coimbra, a “Oficina de Poesia” participou na Semana Cultural 2006, que este ano se desenvolveu sob o tema “De Mar a Mar”. Apresentados na leitura de poemas no Teatro Académico de Gil Vicente, logo em Março, os trabalhos que aqui publicamos resultaram da reflexão a que várias das nossas sessões de seminário se dedicaram (a partir de um olhar sobre a presença deste tema em várias tradições literárias) e, sobretudo, de outras sessões em que a nossa prática poética se desdobrou pela variação, a derivação, o catch e a collage. Uma vez mais a diversidade é notória. Porque, felizmente, continuamos a não estar de acordo.

Conceição Riachos

DÚVIDA OCEÂNICA

se soubesse
que era para voltar
não teria ido

se pensasse
que era para ter ido
não voltaria

se imaginasse
que era para ficar
não gostaria de retornar

se acreditasse
que me adaptaria
não ficaria um dia

se fosse de fugida
viria para de novo fugir

se fosse sem saber
voltaria para entender

se for para ficar mal
é melhor aqui ficar

se não sei
a quantas ando
não poderei protestar

se não sei
aquilo que ver
também não sei viajar

se é estar por estar
eu sou melhor
que qualquer lugar

já que estou
cá e lá
para que mudar?

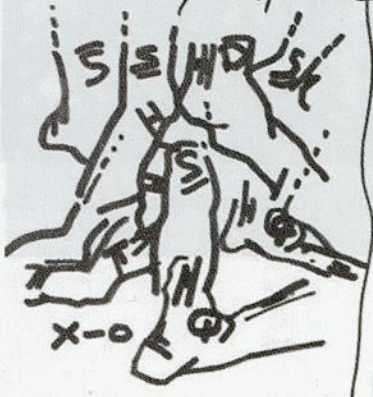
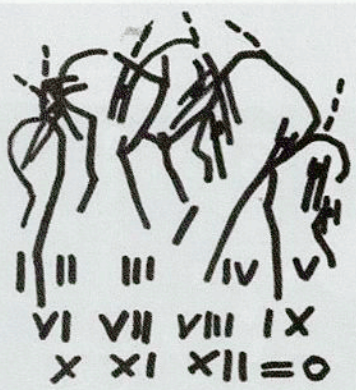
o "x" do imigrante:
navegar é esquecer
e viver é lembrar

(Poema escrito em Copacabana olhando o mar)

Conceição Riachos

Não mais seu desejo ...

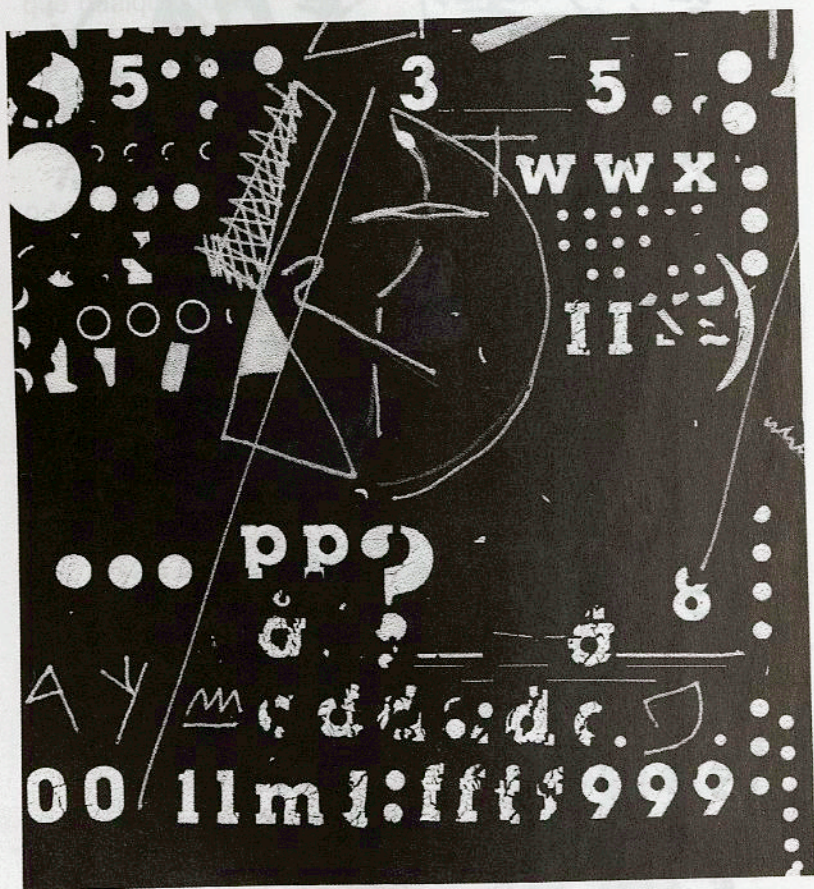
Seria!
 Vencer um século
 de plena prosa
 em menos décadas
 Ter toda certeza
 reafirmando anos,
 numa década só,
 e contar de cada ano
 alimento suficiente
 para muitos meses
 Criar algo suportável
 para um mês
 em agenda de semana
 Viajar e urgência
 numa semana breve
 só apenas meios dias
 Ser amado
 Ser amado no
 desesperado dia
 de poucas horas
 Describer o silêncio
 e a hora absoluta
 gasta sem demora
 gritar aos ventos
 num minuto do Sol
 no destino vertical
 Inverter o segundo
 de uma década
 na luz horizontal



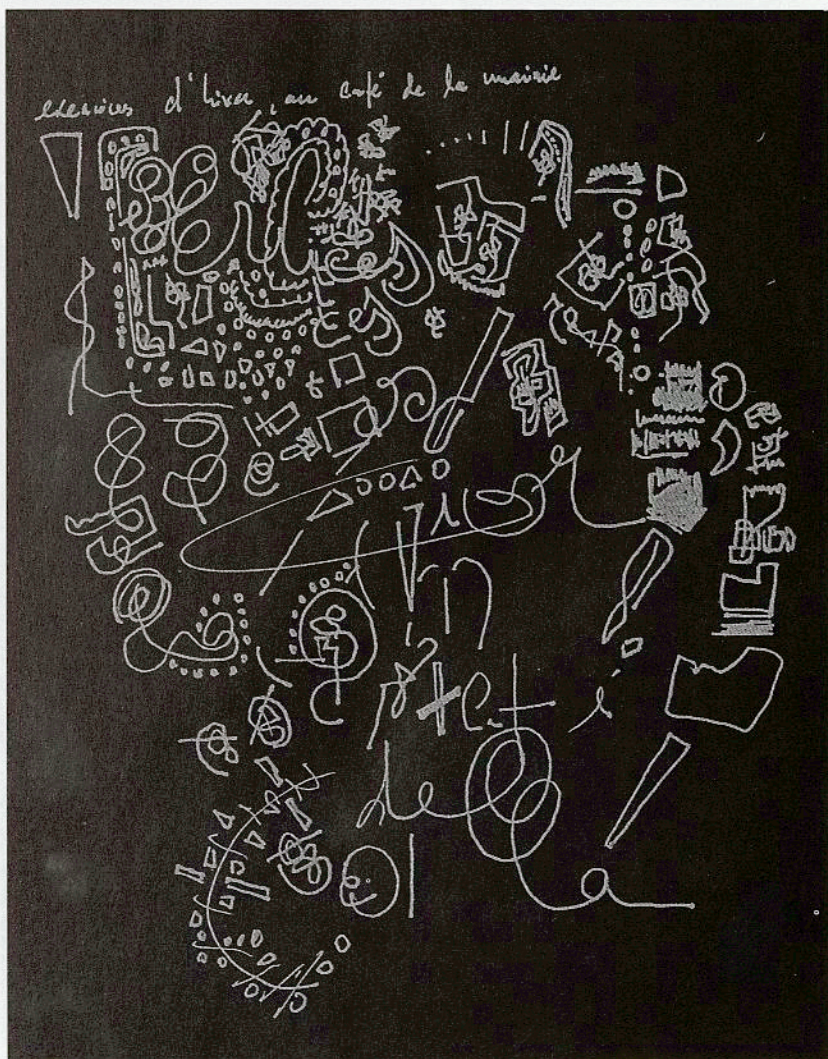
Deixar o tempo
 surgir em desenho
 cubrado ao pontual
 tal qual o Sol
 ao ser por dentro
 re-nascendo
 Desenhos originais
 despalcados
 em tempos seminais
 Seria estar antes,
 que o bôo seja como nos
 Caminhantes
 Dia-sim-dia-não
 deriguar na direção
 eternas não reveladas
 A idade do futuro
 que dá para perder
 o tempo de vencer
 Ser e não antever
 saber o não virtual
 e viver como esquecer
 Seria seria
 mais dia-muro-dia
 intervalos de mostrar
 tempo
 reglor que via
 5/8/16

Paris 2000

FELICIANO DE MIRA



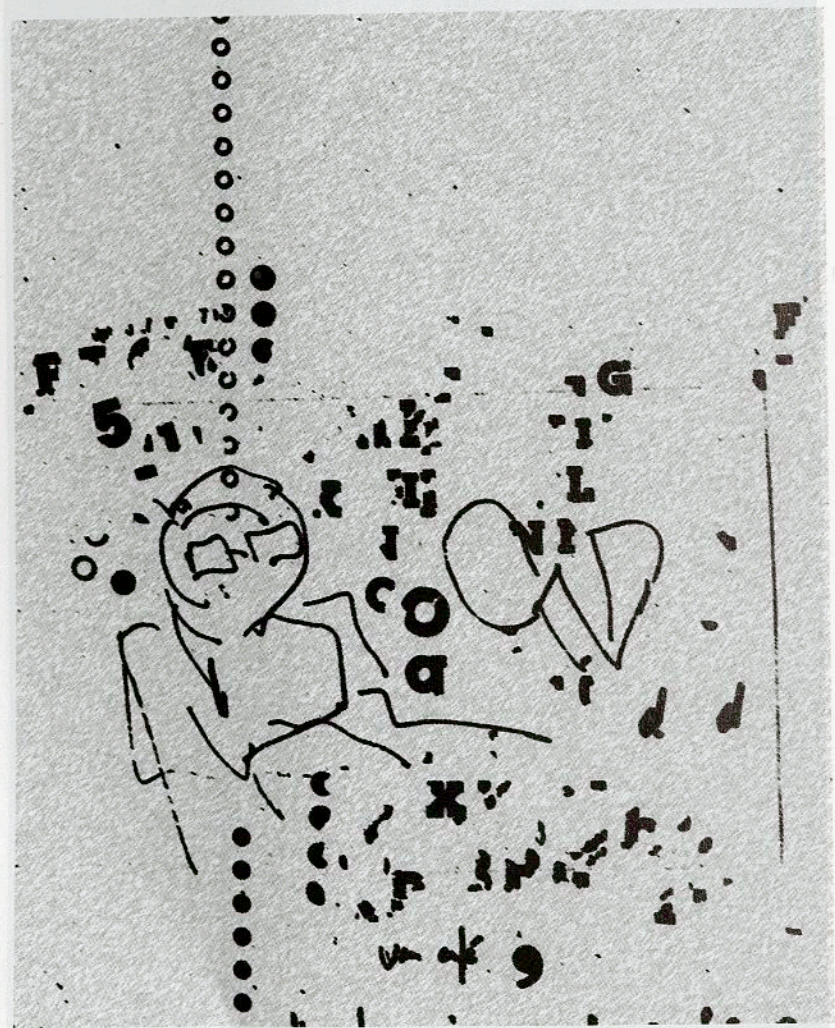
Entre o espelho e o retrato - Évora 1999



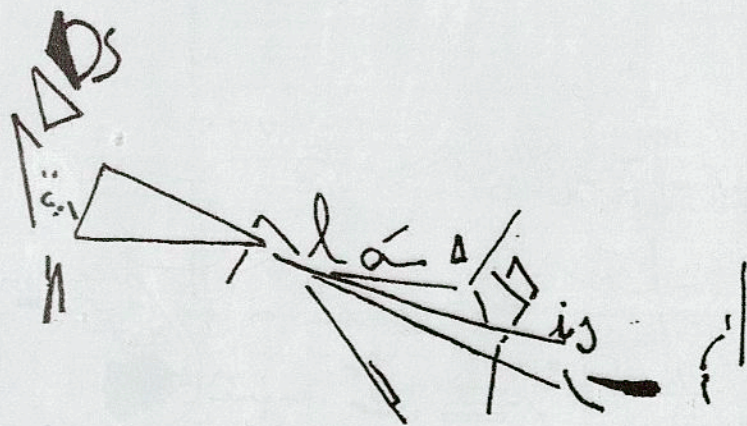
0 côté - Evora 1989

A angústia - Paris 2000

FELICIANO DE MIRA

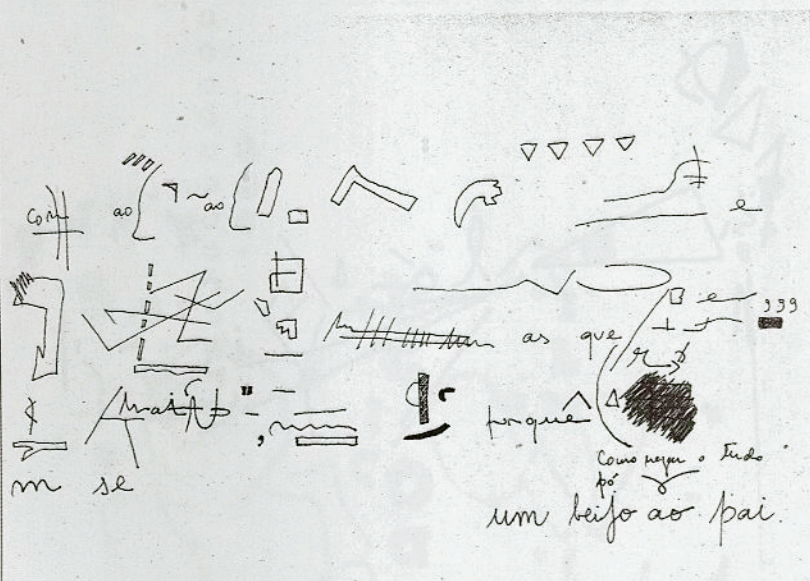


O café - Evora 1989



O lápis - Lisboa 1986

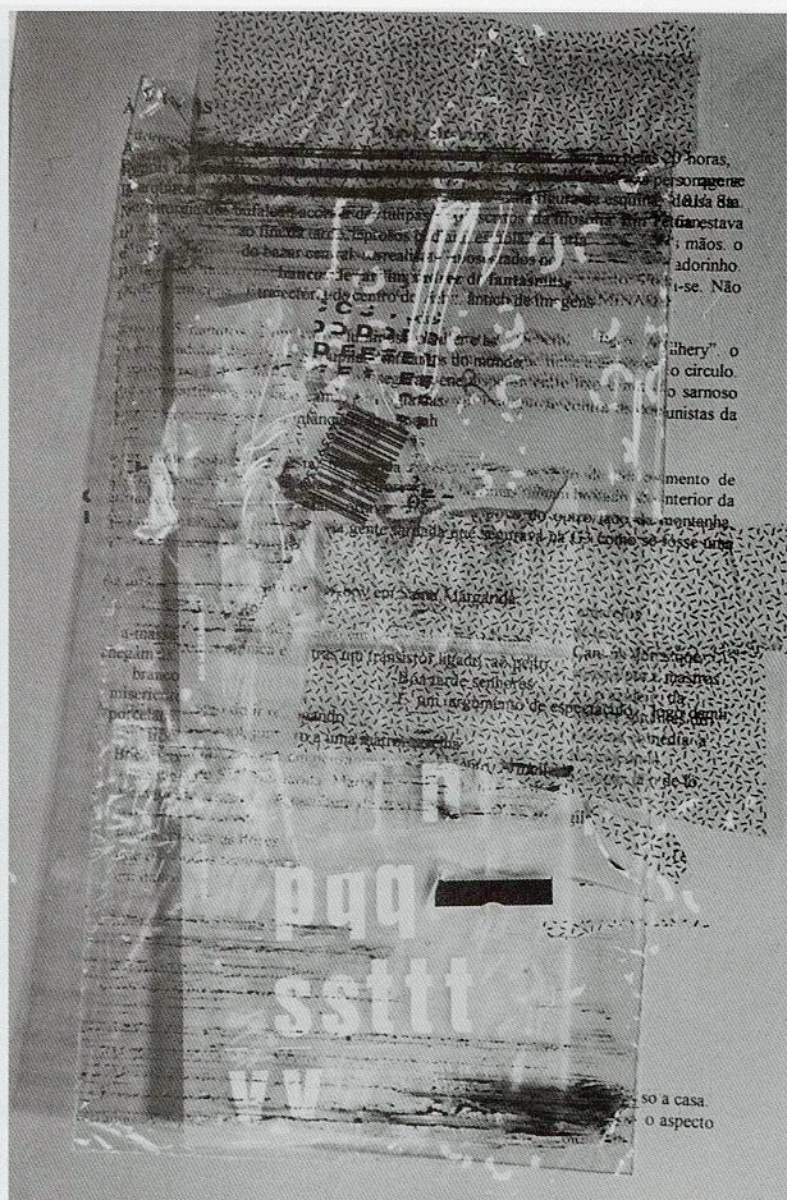
FELICIANO DE MIRA



Um beijo ao pai - Maputo 1993

3. out. - Évora 1989

FELICIANO DE MIRA

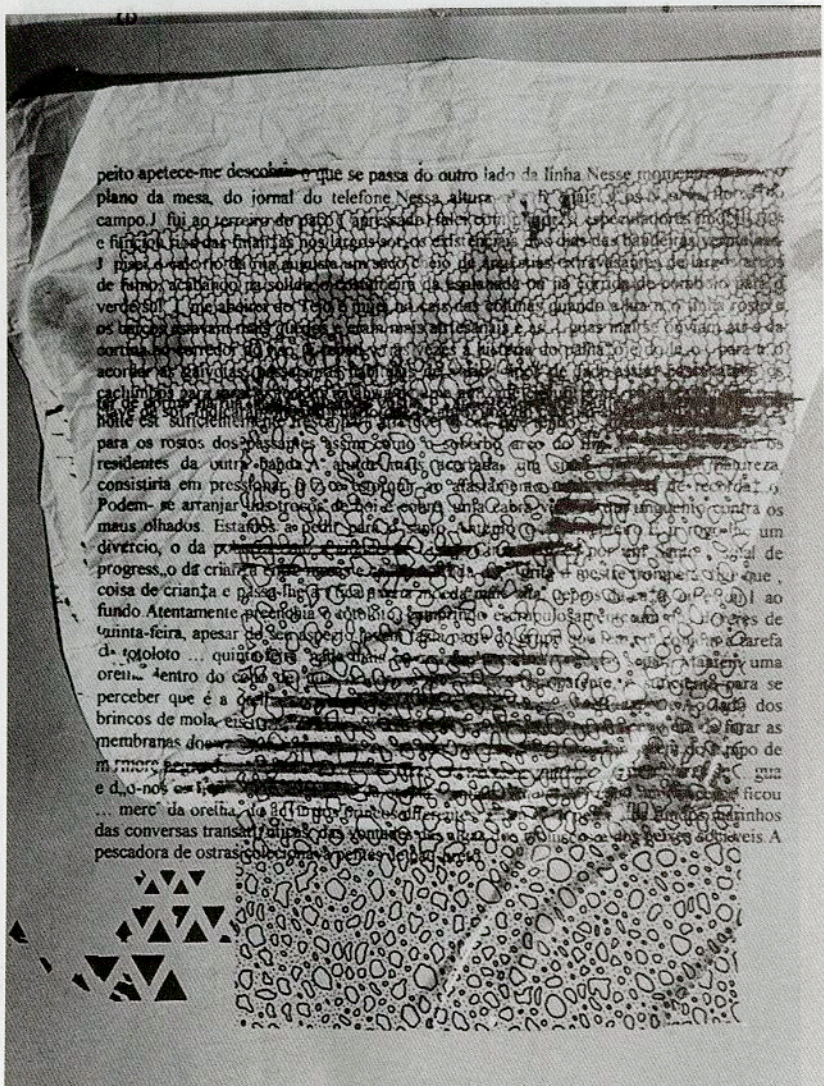


[01]

les nouveaux caligrammes - 1, Paris 1998

les nouveaux caligrammes - 2, Paris 1998

FELICIANO DE MIRA



peito apetece-me descobrir o que se passa do outro lado da linha. Nesse momento, o
plano da mesa, do jornal, do telefone. Nessa altura, a minha mão desce para o
campo. J' fui ao terreno do jogo, apressado, cheio de curiosos e espectadores. Foi
e funcionou nas duas mãos nos transmissores existentes nos dois das bandeiras vermelhas.
J' passei o esforço de uma mulher, um sado, o rio de águas e extração de lã. J' passei
de fumo, a cabeça do raio solido e continuo a trabalhar de jã, a linha de cor do verde
verde sul, a meladura do Teo e mais na zona das colinas quando a minha mão roçou
os braços, as mãos, os dedos e os dedos, as mãos, as mãos, as mãos, as mãos, as mãos,
a coruja, o sorriso do meu, o sorriso do meu, o sorriso do meu, o sorriso do meu, o sorriso
acordar as crianças, as crianças, as crianças, as crianças, as crianças, as crianças,
cachinhos para a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
hoje está suficientemente, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
para os rostos dos visitantes, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
residentes da outra banda, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
consistirá em pressionar, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
Podem-se arranjar, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
maus olhados. Estamos ao pôr do sol, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
divércio, o da minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
progresso, o da minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
coisa de criança e a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
ao fundo. Atentamente, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
quinta-feira, apesar da minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
d'otoloto... quinta-feira, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
orelha dentro do cabo, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
perceber que é a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
dos brincos de mola, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
membranas do, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
e d'o-nos, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
merc' da orelha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
das conversas, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,
pescadora de ostras, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha, a minha,

FELICIANO DE MIRA

afinalafinaliahársia deião I Nac Circular
ficafica namama bolada
teos de eses moos de tonta

tem linha
es e colobos
seguinte
para subir de elevador
noites melodias quando sepp

Eu sou o Chico de
matraquilhos do Distrito de
e de bravo
desejo

Tenho de ter
de sobre a
de de
de de

Chagas
de quanto
de de

de de
de de

de de
de de

de de
de de

de de
de de

FELICIANO DE MIRA

existem pessoas sem rosto
que procuram os cafés para se sentar
e escrever a lápis poemas
até os bicos dos lápis se partirem

Então a sua angústia termina quando acaba o carvão do lápis porque caiu da madeira que era suposto segurá-lo. **Teimosamente** voltam a meter o bico dentro da madeira até ele voltar a cair e **repete-se o mesmo gesto**, para aumentar **a angústia** de escrever o que olhámos para trás até que o carvão **do bico do lápis** reduz à insustentabilidade **o exercício de dissolver** essas ideias. Então a sua angústia termina quando acaba o carvão do lápis porque caiu da madeira que era suposto segurá-lo. **Teimosamente** voltam a meter o bico dentro da madeira até ele voltar a cair e **repete-se o mesmo gesto**, para aumentar **a angústia** de escrever o que olhámos para trás até que o carvão **do bico do lápis** reduz à insustentabilidade **o exercício de dissolver** essas ideias.

existem pessoas sem rosto
que procuram os cafés para se sentar
e escrever a lápis poemas
até os bicos dos lápis se partirem

FELICIANO DE MIRA

Rosa dos Ventos

1. Contra o esquecimento

alinha a bainha que desliza
badala meia-noite ao Castelo de Arraiolos
cosiam agulha e dedal pontos que o desejo lavrou
**e a lua cheia das papoilas beija de claridade a vila
mais próxima da noite**

2. e... de repente... o exílio

de repente... **cresceu uma enorme melancia** em cima do
balcão da venda. **O cabelo cortado** queria dizer tropa. **as
unhas roídas** o céu da trovoada. **os pulsos rasgados** a
despedida. **o ventre** a despir-se. **um copo** corpo fresco como
o linho. **os gestos eram rugidos**. de repente... a melancia
em cima do balcão da venda... **as unhas roídas**

3. Não te perturbam os gritos?

São os homens do campo que vieram à vila acordar o que
estava a dormir. Só a azinheira ficou perpendicular ao espaço
contínuo do cinzento, o homem da bandeira vermelha que
abre a manifestação tem um chapéu preto, as mãos tintas de
barro e olhos de alucinação

4. Salmos do coração

tu dormias eu ouvia a chuva em Willsden Green
e os pássaros cinzelavam delírios

nos olhos molhados em Portobello Road
um lírio roxo **na extrema da seara crescia**
e descalço atravessava a Praça da Câmara

5. sempre noiva e as romãs

canto rua e vinho **conto metal** vácuo ruído inox do tamanho
da santa violência do banlieu **colho figos bravos corto**
canas e avisto pássaros foragidos como nos zínco de Maputo

Londres 1979/ Paris 2002

FLORIANO MARTINS

MITO

Não havia nada dentro da noite: túmulo,
êxtase, sexo mordido, luz esquiva,
paixão emboscada, um triste suspiro fora de órbita.
Certas noites se multiplicam de pé
sobre a extensão de suas próprias formas
e não nos deixam entrar sem que esvaziemos
os bolsos da ilusão. Por mais
que vaguemos por ali não há nada:
memória moída, desengano, luxúria afogada,
dor, uma tensão mínima que ligue um desastre a outro,
ao menos que assuste sem motivo algum,
nenhum disfarce de limite. Como suportar
algo que não vai além de si mesmo?
Mas quantos temos ido? Entalhar sombras
é uma frustração da arte. Não se desnuda o outro,
nada se desloca, de queda em queda,
silêncio em silêncio, vazio em vazio.
Não vejo nada de mim em meu tempo, diz
o entalhador, ao tossir e vitimar-se por dentro.
A arte nunca aceita a própria avaria.
Sabemos que há fantasmas suficientes
para que nenhuma noite se sinta só.
Para muitos o espelho não passa de um muro.

DECIDIDO A ESCLARECER

Onde vão dar as pernas caídas de uma velha mesa? Haverá um outono para as flores de plástico? Onde hibernam os animais empalhados? Em quantos tropeços o homem explica o que pretende de si? Por uma única razão estamos cada vez mais distantes dessas respostas: não temos que respondê-las. Trata-se de uma subversão na mecânica da dúvida. E uma obsessão por esquadriñar o mistério. Sim, porém sempre muito confuso: por que indagamos sobre tudo? Veríamos então que não, que somos viciados em meia dúzia de inquietações. Qual a natureza do monstro que nos vigia? Quais os recursos estilísticos da sentinela? Como faço para recuperar minha vida imprópria? As aflições aumentam na medida em que a esperança nos distancia do que somos. O que pergunto? O que respondo? A loucura diverte-se com essas confidências aturdidas. A moral e a justiça se baseiam em tal jogo. Nada mais irrestrito no homem do que a ignorância.

FLORIANO MARTINS

PÁSSARO MECÂNICO

A tua figura me escapa,
como um lábio assustado pelo toque,
um varal de sonhos cuja aparência não se deixa imprimir.
De um momento para outro a memória improvisa sua ruína,
e a tua figura me escapa.
Não sei aonde me leva e duvido que venha a sabê-lo.
Procuro por ti em toda a minha pele, toco-me em lugares
vacilantes e um lapso de dor me diz que já não estás.
É uma rara maneira de perceber a ausência do amor.
Por mais impreciso que seja o tempo, algo me diz
que estavas aqui agora.
Porém tua figura me escapa.
Há pouco toquei teus pelos em um regozijo transbordante e
rimos de tua nudez a vagar pelos limites de nosso olhar.
Sabíamos que o amor foi excluído,
por toda parte,
extensos corredores de naufrágios e desamparos,
já não se pode falar em amor.
E incompatíveis com o próprio tempo ríamos dentro de uma
nudez que era a própria descoberta do salto, do abismo, do
inesperado.
Porém agora tua figura me escapa.
Sem que mais nada em minha vida se interrompa.

ESTAÇÕES DO ACASO

*Soletro os dias em cada coisa que me olha
quando me sinto a vê-la. É tudo.
E não há desculpas para o que faço.*

Rosa Alice Branco

Acender o fogo pela sombra da chama.
Atear luz no olhar do tempo esquecido.
Assim um corpo diz como deseja
ser escrito pelo outro que o visita.
Ensinar ao corpo como sair de si.
Traçar eqüidistâncias entre as quedas.
Os pormenores do fogo [ela afiança]
são o melhor regaço dentro do olhar.
E o fixa com tanto esmero que as dobras
do corpo se despem ante o ruído dos passos
[dela] que são vestígios da sumição
das roupas [dele]. Por onde o enigma
apura suas harmonias? Por onde um corpo
aprende a soletrar o outro? [ela não diz]
Esvaziar a noite de vícios que a definam.
Deixá-la sem chance de reconhecer-se.
Estar a esboçar um tratado de trevas
requer a cegueira precisa em cada afeição.
Quem plagiaria o suicídio ou a ruína?
Os dons são mecânicos, uma fábula gasta?
Na balbúrdia dos corpos descobrindo-se
um soletra o dia, o outro deslinda a noite.
Qual risco a língua desenha ao passar
de uma boca a outra? Não há exatidão,
exceto no desejo. Um corpo [ela o tenta],

ao cair no outro, é em si que repercute.
O amor tateia entre nódulos [ele matuta].
Uma atração sublime pelas dissonâncias
parece iludir a queda dos corpos amorosos.
O que tens no ventre [diz ele] é o abismo
de que me sirvo para um dia alcançar-me.
Apenas o acaso resguarda tais planos [ela].
Os corpos sondam o pendor pelo extremo.
Atear luz no olhar do tempo esquecido.
Acender o fogo pela sombra da chama.

pioridade

eu quero ser

o... ôôô

-me

o pior

é uma questão

mergulhar

fundo

resolvo

napioridade

aperfeiçoar

val feder

a

minhamaldade

branca pra

e câ

morrer

de rir

dos que

tentarem

misalvar

LOURENÇO CARDOSO

democracia

branco comunista
sou revolucionário

antes quero
democracia

governo
da maioria

democracia
no Brasil

é o governo do negro
para o negro

compete a minoria branca
criticar e opinar

topas?

debranquir

você está
debranquindo
-me

é uma questão
de honra

resolvo
à bala

a coisa
vai feder

vai ficar
branca pra
você

eu quero ser
pudera crer
que meu tempo não passou

se se importa
não me enterra no lixo,
não me enterra com terra,
nem me jogue no mar,
nem me comunique que eu morri

quando morri?

LOURENÇO CARDOSO

Ser sem nada

(a) o que temes

(b) temo a liberdade

(a) quê liberdade?

(b) liberdade de ser

(a) tu sejas
tu és

(b) sou nada,
piada,
parado,
à beira
esperando

(a) sejas quem tu és

(b) eu sou imitação;
eu sou expectativa frustrada;
eu sou o fardo que não me livro;
eu sou o ódio
que sangra amor

eu sou o incapaz
de matar
que mata muitos
em nome de deus,
por ordem do homem

eu sou aquele
que passou
e insiste em ser
eu sou cadáver
disfarçado
com um caro perfume francês

eu sou aquele que nunca gritou
e nunca quis gritar,

eu sou eu...
porra nenhuma!

eu sou um ser que quer representar
grandes personagens
mas é péssimo ator
eu tive alguém
que queria me matar
mataram-no
e agora nada

eu quero ser você
você qualquer um!

eu quero ser
pudera crer
que meu tempo não passou

se se importa
não me enterre no lixo,
não me enterre com terra,
nem me jogue no mar,
nem me comunique que eu morri

quando morri?

se não me atrevi
a atravessar a rua,
pegar carona,
ir longe

dez quilômetros,
sete quilômetros

queria ser
aquilo que esperavam
quisera ser

apenas ser
e, no entanto,
nada

nada perfumado,
nada bostificado
beirando...
cheirando perfume caro

nada perdeu
para ninguém,
ninguém havia
ser quem não ser
ser in-filosófico
ser sem nada,
não ser & o nada
nada mesmo
nada – nada
nadificado

e nada sou
então tô dito
é isto

(...)
in-bonito
(...)
apresento-me a você
impossibilidade de ser
com muito prazer!

NAS ESCOLAS

acções de formação para
professores e alunos das escolas
de Lagares da Beira e Tomar (Dr.
Nuno Álvares Pereira) dirigidas
por Graça Capinha, com a
colaboração de Conceição
Riachos, João Bastião, Dr. E.
Aires Gomes Fernandes e Tereza
Grácio

se não me devesse
a atravessar a rua,
pegar corona,
e ir longe

dez quilômetros,
sete quilômetros

queria ser
aquilo que esperava
cursara ser

apenas ser
e, no entanto,
nada

nada perfumado,
nada benéfico
beirando...
cheirando perfume caro

nada perfume,
para mim,
ninguém sabe
se eu sei ou não
se eu sei ou não
se eu sei ou não
se eu sei ou não
se eu sei ou não
se eu sei ou não
se eu sei ou não
se eu sei ou não

se eu sei ou não
se eu sei ou não
se eu sei ou não
se eu sei ou não

(...)
in-donito
(...)

apresento-me a você
impossibilidade de ser
com muito prazer

"OFICINA DE POESIA" NAS ESCOLAS

acções de formação para professores e alunos das escolas de Lagares da Beira e Tomar (D. Nuno Álvares Pereira) dirigidas por Graça Capinha, com a colaboração de Conceição Riachos, João Rasteiro, Aires Gomes Fernandes e Rita Grácio

Joana Pereira

5.ª A

"OFICINA DE POESIA" NAS ESCOLAS

ações de formação para
professores e alunos das escolas
de Lagos de Beira e Tomar (D.
Nuno Álvares Pereira) dirigidas
por Graça Capinha, com a
colaboração de Conceição
Ribeiro, José Bastião, Ana B.
Aires Gomes Fernandes e Rita
Grácio

Lições

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE LAGARES DA BEIRA

Queixa branda no acusar
Que o deixa apenas fitar
Ter ouvidos à Natureza
Girassol e só que é o sol
Mago e mundo o azul do céu
Esse amarelo tem a luz que o rodou

A Primavera que morre na trovoada
Manhã fresca pela Primavera
Um rapaz louro
Mas não foi olhada
Uma mulher ainda esperou (na alameda)
O mais novo está como se fora gente
Finda uma novela perturbada linda

Andreia Garcia
6.º A

Aquela senhora agradável
Também corre: vem morre
Na folhagem certo desencontro
Está em ti
A primavera na trovoada
E essa forte fita.
Ao vento hibernal
Tem um piano.
Nunca ouviste passar o vento,
Na trovoada que morre,
Para que é preciso ter um piano,
Que linda.
E a natureza
Manhã fresca
Manhã fresca, reclinada,
Não haverá tudo
Nem o murmúrio
Do seu mundo que é seu.

Joana Pereira
5.º A

Nem o murmúrio
Manhã fresca...
Do muito que é seu
Manhã fresca, reclinada
E a Natureza
Não haverá tudo
Pela Primavera crescente
O melhor é ter ouvidos
Esse girassol
De um rapaz louro
Esse amarelo tem a luz que o rodou
Mago e mudo o azul do céu
Girassol e só que é sol
Ter ouvidos à Natureza
Queixa branca no acusar
Que o deixa apenas fitar
No jardim sem fama que as árvores fazem...

Jéssica Marques
5.º A

E amar o que lhe ouviste foi mentira
Não é o correr dos rios que as árvores fazem
Nem o murmúrio
"Nunca ouviste o vento"
O vento só fala do vento
Tem um piano
Amarela chama ao vento hibernal
Sem fama sem sinal no jardim calmo
É preciso ter um piano
Manhã fresca pela Primavera
Amarelo e só
Não foi olhada
Por um rapaz louro.

Ana Gregório
6.º A

Manhã fresca
Pela Primavera
Amarelo e só, que
Finda, não foi olhada

O azul do céu do
Muito que é céu tem
Do que é sol a luz
Que o rodou não
Haverá futuro

“Nunca ouviste
Passar o vento, ao
Vento hibernal que
Finda, na trovoadas
Que morre

Esse girassol
Pela Primavera
O melhor é ter
Ouvidos
De um rapaz louro

Carlo Saladino
5.º A

A Natureza é alegria
A alegria é felicidade
A felicidade é amor
E o amor vem do fundo
Do coração

O amor é felicidade
A felicidade
E paixão
Eu estou apaixonado
Pelo meu amor

O vermelho é a cor
Do sangue
O vermelho é cor
Do coração e o coração é o símbolo
Da paixão

Luís Martins

6.º A

Amarelo e só
Mas não é o correr dos rios
Que as árvores fazem...
É bela e antiga
Tocavam avenas e outras coisas
No jardim sem fama
Na trovoadas que morre
Para que é preciso ter um piano?

E amar o que lhe ouviste foi mentira
Não é o correr dos rios
Que as árvores fazem...
Nem o murmúrio
Amarela chama ao vento hibernal
Sem fama sem sinal
No jardim clama
É preciso ter um piano
O melhor é
Esperou mas não foi olhada
De um rapaz
Uma novela perturbada
Loura que finda
Uma mulher ainda linda

Nadia Cardoso
6.ª A

O melhor é ter ouvidos
E amar a Natureza
Mas não é o correr dos rios
Nem o murmúrio
Que agradável!
Nunca ouviste o vento
O vento só fala do vento
É preciso ter um piano
Sem fama sem sinal

Manhã fresca pela Primavera
A Primavera que morre na trovoadas
Mas não foi olhada
Pelo rapaz louro

Francisca Lopes

6.ª A

Esse amarelo tem
A luz que o rodou
Que o deixa apenas fitar
Ter ouvidos
A natureza
Girassol e só que é o sol
Mago e mudo
O azul do céu
Queixa branda no acusar
A Primavera que vem
E na folhagem também
Na trovoada que morre
Certo desencontro corre
Que as árvores fazem...

Mas não é o correr dos rios
Tocavam avenas e outras coisas
Amarelo e só
No jardim sem fama
E bebe e antigo
E amar a Natureza
Os pastores
Amarela chama ao vento hibernal

Ana Rita Campos
5.º A

O melhor é ter ouvidos
De um rapaz louro
Nem o murmúrio

E na folhagem também
O vento só fala do vento
Que é agradável
Também corre
Vem morre
Na folhagem certo desencontro
Aquela senhora agradável
E essa forte fita

No jardim sem fama
Tocavam avenas
E outras coisas
Mas não é o correr dos rios
E bela e antiga
Girassol é só que o sol
Mago e mudo o azul do céu
Esse amarelo tem a luz que o rodou
Que o deixa apenas fitar
Queixa branda no acusar

Chuva porque cais?
Ó vento que vais
Mas cais de mansinho
Em meu coração
Nem tenho carvão
Que canto tão frio
O canto da água
Que triste lamento
O canto do vento
E as nuvens levantam
Tão concreta e definida
Como outra coisa qualquer
Em bebedeiras azuis

Rui Mendes
6.º A



Escola Básica 2,3 D.Nuno Álvares Pereira
Tomar

ESCOLA BÁSICA 2,3 D.NUNO ÁLVARES PEREIRA
TOMAR

O pássaro da chuva pura

Penas fofas
Cantava o pássaro e voava
Em pingas grossas
Voava o pássaro e cantava

De boca em boca
Caem as pingas
Multiplicar os beijos as searas
Água pura ar puro
É urgente descobrir rosas e rios

Filipa Venâncio
8.º B

Não encontro
O que mais queria encontrar
Essa coisa tão bonita
Essa tua forma de amar

Se te vejo à noite
Não me deixo ver
Não sei o que quero
Não sei o que querer

Liliana Salvador
8.º B

Acaso A é B em presença de A

Acaso B é A na ausência de A

A – Luz

B – Escuridão

Acaso luz é escuridão em presença de luz

Acaso escuridão é luz na ausência de luz

•

Sobre a Terra

o Universo

Sob a Terra

o Homem

Mafalda Vaz

8.º A

Sobre o Mar

o Ar

Sob o Céu

o Vêu

João Tiago

8.º A

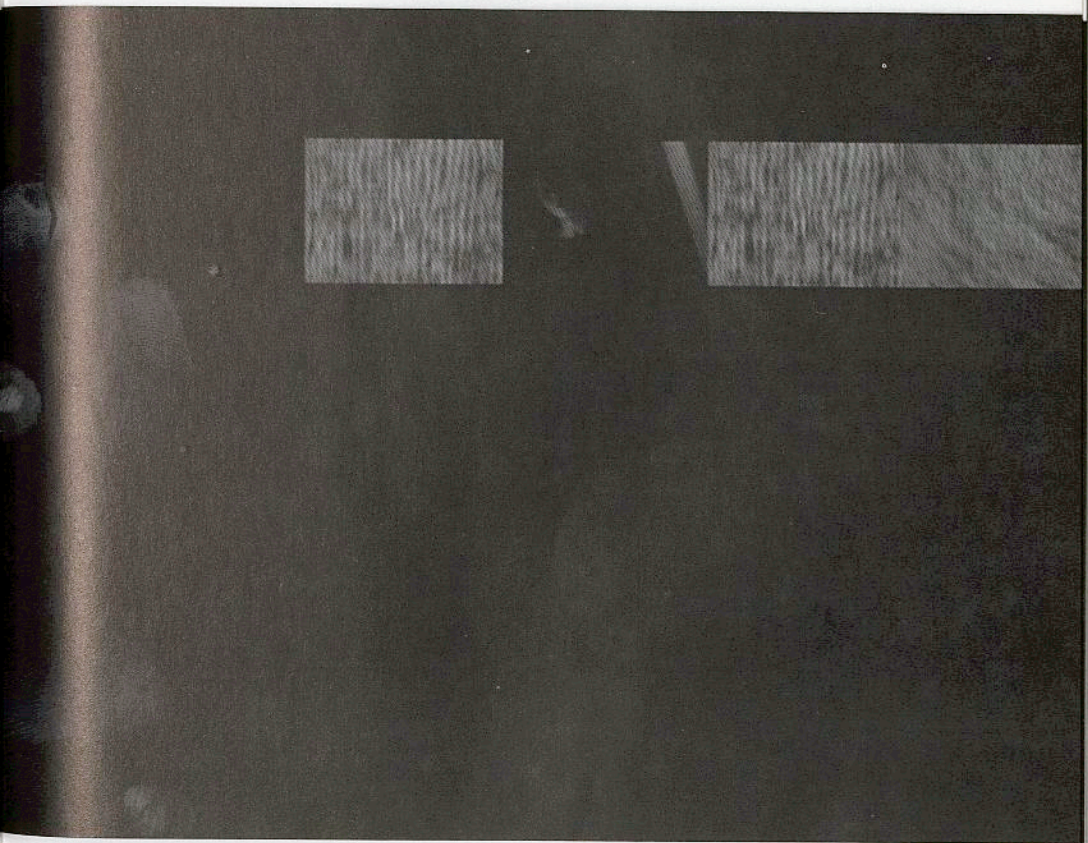


Escola Básica 2,3 D.Nuno Álvares Pereira
Tomar

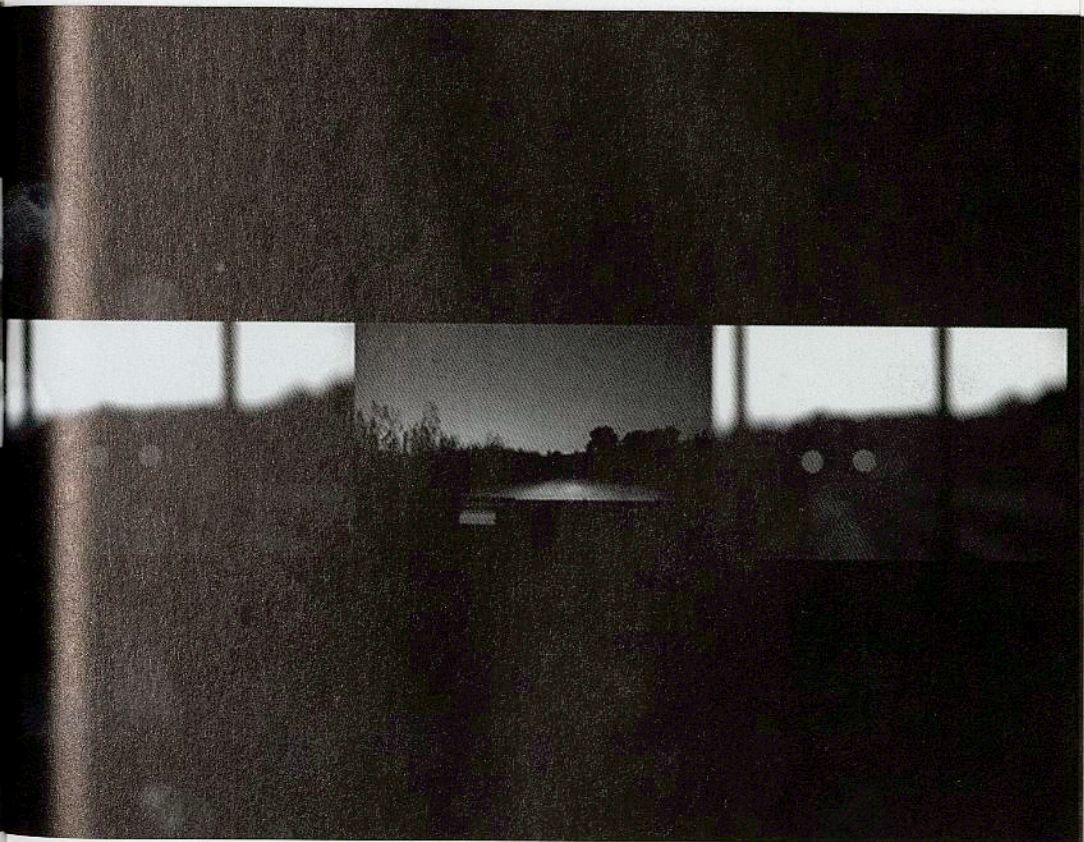
MARTHA MORAIS

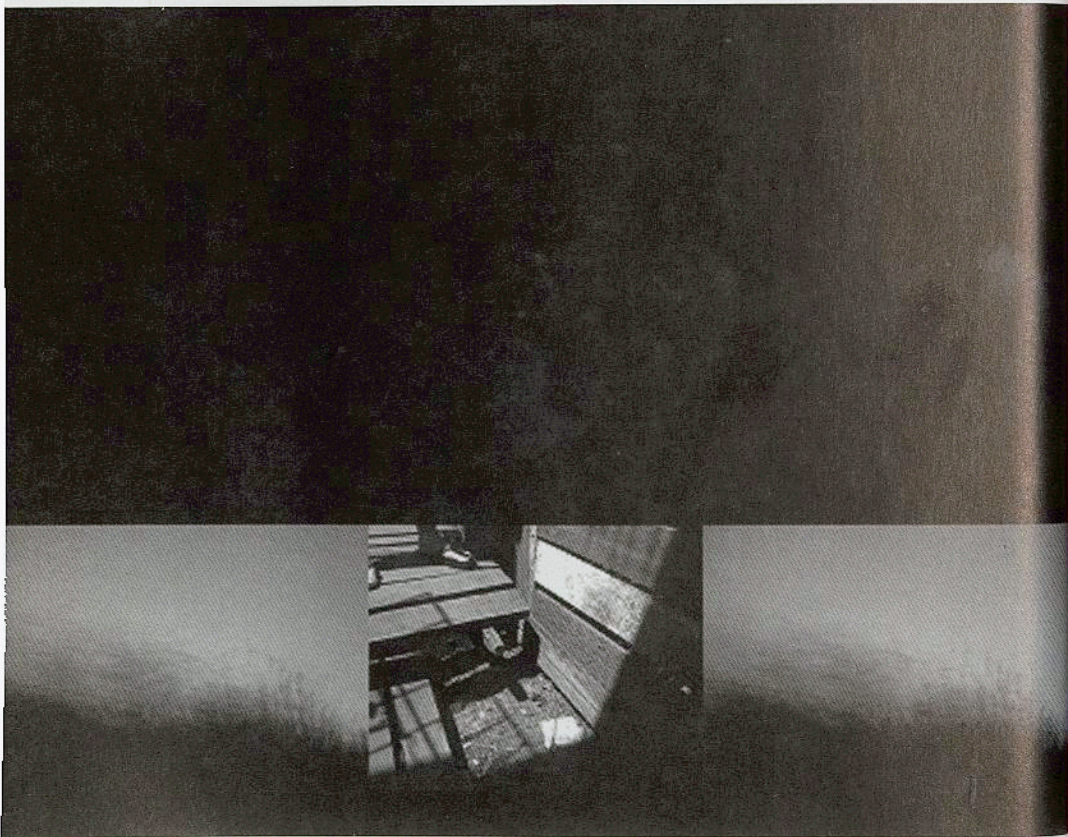
ACONTECE

João Tiago
8.ª A





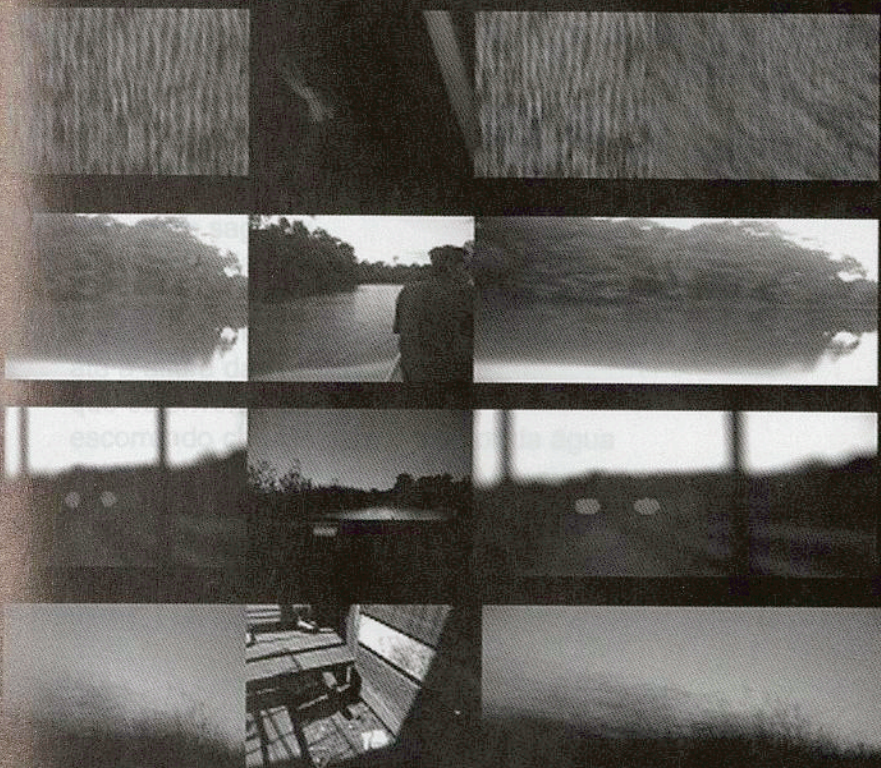




MARGARIDA AMORIM

(inspiração de Herberto Helder)

mães - mãos em coração lavradas



deixaram-te
foram
deixaram-te cair

por isso as chuvas
te foram recusadas
e deixaram

(*derivação de Herberto Helder*)

mães mãos em coração lavradas
mães orvalho profundo
mães inocentes intrínsecas
no aroma do seu bafo
amadurecem o hálito purpúreo
pelo meio da noite que adormece o berço
saliva anunciando luz
cantam da boca um hino litúrgico
um ventre sagrado
pelos picos da roseira
passam alegres
tremendamente puras
até à altura das rosas
que os envolve
escorrendo chuvas para o interior da água
gotejantes sangue suor
respirando os filhos silenciosas
queimando o amor belas
intrínsecas ali vendo tudo
mães candeias puras

MARGARIDA AMORIM

“por isso as chuvas
te foram recusadas
e deixaram de cair as águas
da Primavera”

.por isso.
foram-te recusadas as chuvas
recusadas chuvas
recusadas recusadas

e deixaram de cair as águas
as águas águas as
águas da Primavera
deixaram de cair

as chuvas deixaram de cair
as águas deixaram de cair
da Primavera foram-se
as águas as chuvas
recusadas

chu-vas-á-gu-as-chu-vas-por-i-ssó-por-i-ssó-por-i-ssó-dei-xa-
ram-de-ca-ir-dei-xa-ram-de-ca-ir-fo-ram-te-re-cu-sa-das-re-
cu-sa-das-da-Pri-ma-ve-ra-as-á-gu-as-da-pri-ma-ve-ra-dei-
xa-ram-de-ca-ir-á-gu-as-chu-vas—á-gu-as

chuvas águas chuvas
foram

deixaram-te
foram
deixaram-te cair

por isso as chuvas
te foram recusadas
e deixaram
de cair as águas
da Primavera

Parte I

linhas sobrecarregadas de
linhas/outras fidalgas no
estar em linha com as linhas
vistas e vestidas com
aromas de sarças e urzes
queimadas agora num
cigarro que respira da morte
O dois precede o três
numa ordem alucinatória
ruim? falou, disse dos três
entrou na fresta enregelada
louca e cega de luz
doente de um brio que não
sabe do frio, sabe a mal.

Parte II

as linhas bruxuleiam em paz
de alta tensão prescrita.
acabaram num frenesim de lides
Todas tortas!
– as linhas sabem não ter dono –
mestria esta de ser usado
por linhas que bamboleiam gratas
lindas e feias de uma má vontade
Deixem-nas!
as linhas não sabem do sinal
partidas as linhas não são
plurais que ousam singulares
linhas que ditam vontades
linhas que mudam trajectos
linhas.

Parte III

linhas sujas em tentativas
 de não serem mais que –
 ou talvez – menos linhas
 engrossadas em torno de revoltas
 revolutas no espaço que existe
 entrelinhas lê-se o
 tudo de uma linha
 tresmalhada.

PEDRO SOUSA SILVA

Catch

Estou a derivar um poema
A partir de outro que apanhei
Ou escrevi?

Catch.

Não sei.

Mas tenho esta sensação
De que não se deriva assim
Estará mal?

Catch.

Enfim...

Para derivar, só as palavras
É batota escrever sobre o acto
Será poesia?

Catch.

De facto.

— as linhas sabem não ter dono —
mas não sabem de ser usadas
por linhas que bambaleiam grates
lindas e feias de uma má vontade
Deixem-nas!
as linhas não sabem de usar
partidas as linhas não são
naturais que usam singulares
linhas que ditam vontades
e as que mudam trajectos

Derivation on Charles Bernstein

Burn, Charles
And stain
The floor with your crispy juicy grease
Crispy, crispy, juicy grease.
Stain. The floor.
Burn. Burn, burn, Charles,
Crispy, crispy, Charles,
Stain the floor and burn.
Burn the grease and stain
And burn the floor and burn
And burn, Charles, stain.

crianças

Ficam só as estrelas dos dedos estilhaçadas.

Precisávamos de demorar.

Ficam só os bocados dos muros mergulhados em
fogo de pó.

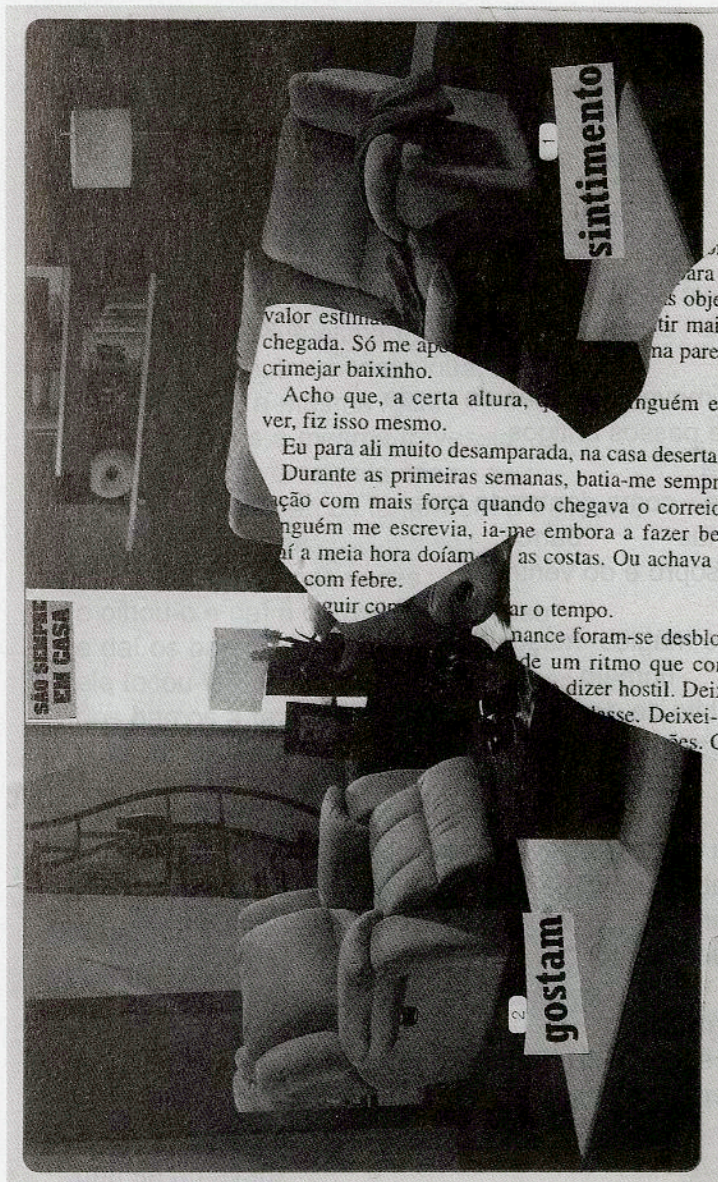
Assim se inventam as traseiras das áreas abrangidas pelo
corpo.

Delito de uma trégua infundada.

Detrito de queimar as estrelas
a contradição da nascença.

uma criança inteira a protelar os lados da parede
mais molhada

a jorrar devagar a origem do futuro



lar do ce iar

imagem: catálogo Sofatini; col. Primavera-Verão 2006

legendas: Jornal *Inimigo Público*

texto: fragmento de Cláudia Pinto Correia, *Mais que Perfeito*, Relógio d'Água, Lisboa, 1997.

JORGE FRAGOSO

Energia

carne

terra

Derivação de
Tribal Memories – Passages 1
de Robert Duncan

No lado grave do triângulo parte
rasa o plano o pássaro verde o todo

todas as primevas primícias de verde
a mulher de passos antigos
sobre a erva
como deusa como dentro da terra branca
a lama-húmus barro
criação do sopro e do ventre

o triângulo é mágico másculo
divino homem pássaro-fogo
nenhum hábito de dedos
o toque água da pele nenhum grito de parir
sagrado sublime

a deusa é a ausência branca
falha na cratera breve do tempo
produz o sentido os sentidos prazeres do corpo
faz-se esquecimento

não sei pela tarde
o mistério esquadro do triplo uno
quero sorver de dentro
a fêmea febril força do princípio

Eles os dois os barcos

Os dois barcos fazem a mesma travessia
 ela olhou-o muitas vezes antes da casa
 a conversa pela casa como os barcos
 a percorrerem a mesma travessia
 a mesma ou outra mesmo igual que é
 o mesmo ser a mesma igual
 os dois barcos a mesma travessia
 depois da conversa pela casa
 nunca mais os barcos fariam outra travessia
 que não a mesma
 ela olhou-o algumas vezes
 e olhou-o e daí a conversa pela casa
 e daí os barcos na mesma travessia
 ele tocou-lhe a face com o mesmo carinho
 dos barcos a fazerem a mesma travessia
 o álcool ardeu dentro dos olhos
 ele juntou os dedos diante dos olhos
 pensou no álcool e nos barcos
 pensou nunca mais dizer a mesma travessia
 o mar morreu feito só boca sobre a rocha
 e os dois barcos ela e também ele
 a fazerem a mesma travessia
 de espanto e de medo e de projecção do medo
 na mesma tela da mesma travessia
 como os barcos
 a mesma travessia os dois eles os dois
 poucas palavras para dizer
 que se amavam

CONCEIÇÃO RIACHOS

No
ventre pirotécnico
do discurso
onde
palavras caem sem eco
fluindo a origem obscura
em
fantasia sem rasto
a
grafia converge o granito
transparente
do percurso

Cruzar o espaço

absurdo

frágil _____ com

perecível

um sorriso disfarçado de papel colorido
a ressalvar a história

que **dorme devagar**

no abrigo terreno da ênfase

um dia qualquer

a forma insidiosa

ermo

ocupa o lugar _____

meio esquecido

monta

exercício compulsivo de _____ e _____

desmonta

no cume do coração

a profecia irresistível rende-se

à fúria desvairada **da trovoadas**

Graal alternativo de caçador

improvável

LILIANA VASQUES

a voz na voz é um cone que me **come** comunicar, que me cabe comunicar. **acto** de rasurar, de surgir com a boca palavras outras, como um ferro estriado sendo carne em vibração. **talvez** o cárcere do nu, talvez como a cor do **ferro** interrompendo pela estria a possibilidade de significar numa **só** palavra. comunicar é um momento de cilício **debruçado** sobre duas cabeças condutoras da fisicalidade

de dizer sem

é sem

na hora de sair airosamente. não olhes para trás. um momento assim

atordoar a preponderância do mundo

encenar um sítio para colocar braços em cima de parapeitos

braços

volume

do

silêncio é, sobretudo, a **antecipação** do ruído. é necessário antecipar e saber que acaba o ruído é um arquétipo **de** quotidiano. pausa-se o ruído pausa-se a **voz** desbotada o quotidiano é uma infraestrutura

diagonal sobre a cama

sobre a imagem

sobre a massa

sobre a concentrada a *ver branco*

falar comunicar é sem falar

querer. construir

uma **caixa** de

nada a partir

de nada

talvez o

cárcere do

nu, que

recupera a

pausa a

caixa de

nada **cabe** no

trabalho de cem

entrançando

silêncio. O volume do

o cristo atravessou
se em recto
a cruz ou
a mão dilatada
em testemunho
o cristo acolheu
um cristo em
ou algo que cai
ou aneurisma
de luz
sangue sob
a perpendicularidade
dilata a mão
a cruz não
a cruz não
do cristo alto
sob o corpo
ou garrote
ou por A+B
não surge
não
se foge à contração
ou
não se cai
em eczema
ou
não se nega
a cruz não
a cruz não
ou embotamento
ou deferimento do corpo
ou
como se tutano
clampado não serei
um rio
não serei
a mão serei a cruz
não
a cruz não

LILIANA VASQUES

como ranger os dentes e o som

pela boca como parar
ali ao lado não colher pés do chão
escreva uma pergunta
como recolocar o retalho

da mão como
pergunte como
entrópicos

escreva uma pergunta
porquê
o cio de quatro

combustão porquê
a glote como a raposa encadeada
escreva uma pergunta
porquê os

os olhos sincrónicos a boca toda acocorada
porquê pergunte porquê não assim

escreva uma pergunta
quanto de vozes ancoradas ao
quanto de corpos dobrados em
escreva uma pergunta
quanto de calores como

quanto pergunte
quanto de momento sustentado

circun
dando os cavalos debitados

no sítio certo

alternar o calor dos braços

de paredes e a alteridade fazendo-se

factos mal cicatrizados

chão queimado
enclave

casca
eclâmpsia

em ricochete

R: a mulher queria ser gato mas fez-se quadro

vai marchar soldado
recolhe as mangas e vai marchar
vai bem rápido porque se não
perde o instante da rosa tocando no chão
e talvez com a poeira fina nos olhos
não consiga sentir o silêncio desse perfume
vai marchar,
mas vai desarmado
carrega só os pulmões e a saliva quente
para espalhar o grito e sacudir a boca,
arrebentar o quartel e
virar samba, poesia armada até os dentes.

REBECCA LYRIO

furei o céu e as estrelas
começaram a cair
fiquei imóvel vendo toda aquela
purpurina escorregar no tempo
já era fim de tarde e
minha saliva não ardia mais
fiquei morna
mesmo sentindo o pulsar vermelho
a saia de bailarina manchou
mas ainda consigo rodar

tem pouco pano
mas as estrelas ainda estão
caindo
ainda tem brilho escondido
no sonho
ainda tem...

a viagem: que vejo para além
 tem, nos olhos, transefeito, o mundo do olhar em verniz,
 que corre em jeito de do fio branco e brando
 sol, que s'entorna e sobe
 poente. de volta, abaixo e roda,
 nos vidros, que lhe cabeceiam o olhar tem quebra nos ombros,
 espigas, mil fio branco terra em virtude maternal.
 vales, de linha, seu olhar tem descrever o que
 ternura vem;
 de arroz humedecido. o que
 seu traje é simples, como está
 é a vida o
 comboio
 vagos traços de vermelho, sobre a pele, gaiatos em rosmaninhas ilusões, criança.
 enfunada vela de pano, a roupa e pele
 cálida de espelho em água. tenho partido, eu, em mantas,
 sopra arroz partido,
 no constante prado. é com'o eco, ressoa a
 mas a verdade... parêntesis de sobra,
 a verdade tem mil olhos a mão sobre o peito,
 contos, rodos, folhos, carrego carruagens de sol, nos tornozelos.
 centrados em saia de muitos e muitos modos, tenho fome:
 a estranha, a vertigem do inclinar

na linha curva daquele tornozelo,	à janela do olhar, envidraçado,
é a pena,	o fustigando passar
a pena de pernoitar	é como o eco,
cansado em ventos,	de uma criança.
em terras de mourejantes tormentos	so, we danced,
na bandeja do amanhã.	naked at
a pena,	the sound:
é de luz, de escarro salgado	river throats
que trago todo, tenro encargo,	that so flush
comigo, que sonhei.	into
a pena percorre o caminho	songs that long for
numa palavra de troca	so long
que pinto breve e me adoça a boca,	ago.
em tons de embalo, a estranha	but, we danced,
entra-se, no sonho:	in broken cots
a ilusão, intérmina viagem.	to train-less steps
	that lead...
	for nothing else we
	mazed the world
	and danced so swirling!
	that stept out and broke away
	the trip. to trip
	some time in this between.

Salva

Esta palavra não será
l(amb)ida
esc(arrada)rita
Esta palavra não está
no som desta linha, ou ecoa
no branco copioso de um
enrudecido
papel

Quando pela última vez se abriu
o vazio
na pedra do leite do ventre
do último rio
Do suspiro rosado da alvorada?

Qual a matemática da dor?
Quantos gritos prefazem o
som
do !não! ser existente?
Quanto suor no sangue?
Tavez seja o

poder

da pálpebra que
tenta
sorrir tem toque de

calor

talvez o preço da indexação da vida ao sonho
E a flutuação e desvalorização do amor
termalizem o tédio.

Doem-me as fontes
da traço-vida-traço-barra cabeça

E N F I M

deleteENTER

escape space escape epacseescape space escape

[SHUT UP!]

Esta palavra não chegou a ser
a linha desta vida não existe
TU NÃO ÉS O
fim.

Salva

Salva solvida num trago
 foste já por entre saliva
 saudando as sanefas do estômago
 Salpicas o chão da sala
 saltas solta da xícara
 e soberba sopras a quietude
 saliente desses seios imaginários
 saídos do sôtão do bule
 És sal, suor, sagrado chá
 que salvas sandeus e afrontados
 Sanados os assédios do ventre
 sôfrega salvas-te sem sentido
 no erotismo da borda de
 uma xícara.

AIRES GOMES FERNANDES

Espigas

As pálpebras das espigas,
icebergues presos ao chão,
o folhepo, estalado, véu de luto,
vertiginoso covil
ressequido de parede fio
roncando na íris da noite
como se o grão adormecido,
sépala de caule nenhum,
fosse probabilidade ou
instante de aroma chovido
poisando as escuras listras
na debandada dos que grasnam
crispados de ave rotina
arrelhando os espantalhos
que chamam os pássaros idos.

não se suportam
a vizinhança enrolada pelos gatos
– desgaste
da ventilação sobre a mesa posta
(sobreposta) e pertence-lhe a correia
de transmissão essa fica a olhar
o levante de terras
e emana o gesto numa das escoriações
trazida de muito longe para que o mestre
tenha a sua implantação de ouriços
que ao depor das armas
passam o tempo em buscas dos moinhos
da apanha do sal
ainda muito longe da escavação
onde se santifica a pertença
de tantos grãos de golas subidas
a quem faltam talheres de fitas
– está-se a rir e não era ele
que pedalava junto ao feitiço
e tapava os ouvidos. De vez em quando
embarcam no bule de chá e tem
já pouco para tanta gente – a casa cheia
por causa do estado de cólera
e desta vez vão atrás dele
nem que seja pelos espanta-espíritos
e foi depois arrastado
de tom em tom até que o ataque
siga a sessão de pugilato
e queira tapar os ouvidos

por causa do rapto dividido
por todas
com as parecenças da

peça de chaminé

albergo
o chaveiro e o fabricante de cimento

a cara tripartida em cinco telas de pó
quando o artefacto vem já desde as lajes
deixa-se à espera para compor esquinas
– resumo da descrição com um
capitel do torneio ao deixar de entender
porque a esfinge usa abas largas demais
– deixa-se cair da mesma decomposição
do sequestro. enquanto o torneio dura
e constrói a fila de arranha-céus
com o mesmo plano de lumes
que o toque de espelhos
não diminui nem escolhe de entre
rampa de arranjos florais
ou pouco a pouco a esvair-se
seria por elas que mais de trinta
oliveiras largavam o turno
ouviam dizer que faria menos cinza
no outro rebanho e por isso
a abertura do mealheiro fazia sentido
– o seu apelido de chama entre
o gladiador de artes mágicas
enquanto a gabardine não enche
ou começa

dos dias aos poucos
reabrem as comportas

CATARINA COSTA

os órgãos tocam:
a infância é o extermínio –

o início de uma missão
que se cumpre pelas velhas patas
dos insectos

as flautas anunciam:
a infância destrói os adágios
do útero

os insectos calcando os fetos
enquanto o destino coagula nos pântanos

velas
de velhas visões ardem lá em Oríon
crematórios de naufrágios quânticos

"A morte é a mãe da beleza".

Wallace Stevens

Há na morte uma criança de resina
demasiado breve
um rosto de musgo antigo
que não pode
um berço infinito onde
as alucinações sonham
sempre depois

Nasce a serenidade
nasce-se a morte
renasce até à procriação
fútil das tulipas

a morte dá à luz
criança em sofrimento
pinta em vitrais
as mães enfabuladas

Suicídio – a erva-criança
despede-se do Sol
voluntariamente
inventora do requiem infantil

e do desenho animalesco talvez artístico
da penúltima fábula

CATARINA COSTA

Subitamente a fábrica
luz de mercúrio que incinera o tempo

o álbum de fotografias
materializa-se em vitrais
um gótico nu
personagens olham miram matam

ela está na sua delinquência recôndita
num banco de jardim sonâmbulo

vislumbra o filigrana das probabilidades
acredita em presságios
e isso basta

espera uma ocasião cinematográfica
pois afinal a arte é uma certa
redenção da matemática

ela fica ali até ao relógio súbito
nada surgiu

do outro lado a fábrica continua inexorável

o inútil

do exercício público uma malícia que esgota em manifestação baldada,
um tudo encarquilhado até acanhar pobre raça.

o obscuro inútil de tez amarelada comunga de catarro expectorado
ainda de viseira cansada sopra melodia de viciado
sorri contentado com sua própria sombra de trejeito conformado,
sob o macadame arrasta os pezinhos a rilhar respas de rebo.

Mas que fazer perante a
ao tocar a Razão dismeada
mente
e o tempo que lavava a
por onde evacua a luz
Esse tempo que se fez

Não era isto um
uma múmia a esse
mesmo um clarão
zênite presente

o ódio

linear sob lua propícia faz-se guerra a sangue
tio sam, no regaço da anca oscilante à john wayne, tem coldre de chumbo
cavalga como o herói sem nome e os cascos a trote levantam o pó secular
por fim apeia-se como uma *'mise en scène'* à john ford
numa qualquer cidadezinha e avança de trejeito gingão,
assobia batuta de melodia da américa profunda,
disfarça a sedimentação da voz do argumento arrogante

de súbito saca o revólver, não longe alguém tomba com sangue quente a jorrar

derramado no pó de o.k. carol a brutalidade a impregnar... ódio
ódio, ódio...

ódio elevado a religião

da permanência do tempo em si – por de fora da
sua agronomia de pincelada cor-cinza
da mística do esquecimento perante a revolta da
permanência
da insolação da pele retalhada ao confinar dos
espaços sísmicos de onde se injectam as pérolas
na morada penteada onde se abrem os caminhos
das auroras de espinhos
as bocas acordadas imaginando as paisagens por
onde a luz se a-levanta em brio
Nelas circulava o tempo-aberto, todos os templos
onde os tempos se faziam e as memórias eram sons
palpáveis de onde ecoavam bálsamos e canções de linho
E os cânticos das Raízes eram sibilas de glória
presenteando-nos
enunciando-nos carreiros de espanto

Mas que fazer perante a nascença dos passos
ao tocar a Razão desmedida dos cristais encrostados na
mente
e o tempo quedava-se ante a atrocidade nos sítios
por onde evacuamos a luz
Esse tempo que se fez ent@e

Não era isto um feitiço nem uma defenestração ou
uma múmia acesa perante os naufrágios nem
mesmo um cipreste de agachada melancolia ou um
zénite presente

Na boca do hemisfério humano havia um nó – um robusto incêndio apenado de galhos, inscrições mortas e muita cinza – onde o Tempo se via beco-escuro-palpitante na evaporação da pele

Havia a metamorfose dentro da direcção dos pássaros e as rochas esfumegavam-se perante o horror de cada passagem – porque só o horror reconhece a face límpida da harmonia

Há, por debaixo da plasticidade dos mitos, uma abertura, uma verticalidade inalienável, uma construção de primórdios por onde rebolam as auroras. É nesse princípio iniciático que se movem as fagulhas. Não era isso uma vontade prismática ou a percepção da queda. Era isso uma acrobata de trapézio agarrado às orelhas. Um trapézio por dentro do mecanismo do vento.

Haveria por cima do agachado lugar a que chamamos mundo uma imensa melancolia. Haveria também uma alegria esventrada, por onde passeiam ocasionalmente as aves de bico breve.

Era uma imensidão de tacto, uma faculdade de admiração e todas as casualidades que se alimentam da busca. Seria um lugar de prismas, de perscrutações agudas e diáfanos encontros. Era aí que se ancorava veementemente o trapézio. Era um encontro de buscas, uma harpa apeada perante o divino. E não haverá retorno da vontade.

RITA GRÁCIO

Casos de Segurança Pública

Em todo o caso

se vir uma ave morta não lhe toque
avise imediatamente as autoridades competentes
que têm meios apropriados

para ensacar

se vir um mendigo na rua não lhe toque
avise imediatamente as autoridades competentes
que têm meios apropriados

para limpar

se vir a loucura duas filas à sua frente não se meta
com ela
avise imediatamente as autoridades competentes
que têm meios apropriados

para ignorar

se vir um acidentado na auto-estrada
avise imediatamente as autoridades competentes
que têm meios apropriados

para fazer falar

Se a morte lhe bater à porta

Não resista

Não avise imediatamente as autoridades
competentes que têm meios apropriados
para ensacar limpar ignorar fazer falar
bem como

problemas de sobra causados directamente pelo
abuso excessivo de participações desnecessárias de
aves mortas, mendigos na rua, loucos, acidentados
O que leva à greve das autoridades competentes
que se declaram por este meio incompetentes para
lidar com a competência dos cidadãos.

Agora passo muito tempo
 e m f r e n t e a o e s p e l h o
 o h l e p s e o a e t n e r f m e
 para acabar de vez com os lilases que nascem dos
 pulsos
 onde os seus caules se enterram nos ramos da
 arcada até
 espargirem
 quartzos ensanguentados
 friorentos.
 Depois,
 o barulho
 (lebruit

obarulho

lebruit)

cai-nos todo em cima
 como a manhã.

Na boca

cosida e recosida a ponto truz

Na boca

tecida e retorcida pelo bisturí de baba

nem as borboletas conseguem mais varrer a língua

agora purulenta

– e

m i g r a r a m

Nesta filigrana muda

fica apenas o marulhar da asfixia penúltima

a dos ferros forjados nas frestas possíveis

dos dentes

com glaucos grampos de

ti.

Movimento indeclinável

.no meu espaço corres, como as formas sagradas do sangue.poderei abrigar-te amadurecido dorso no alastro que precedo.varado correrei às cegas movimento branco das formas orgásmicas no rio vermelho de batalhas.bebo ávido uma sílaba nua e límpida numa concha que flui de remoinhos da corrente.é sempre o desejo do movimento uno inteiro e fugidio das pedras.a estreita melancolia de margens acúleas.porque o oceano enraíza os golfos da chuva que chega para descansar a rota do sangue.as vogais à medida que a passagem julga reconhecer magnólias lambidas de pássaros assíduos emergem da franja dos lúzios.engolidas toda a corrente afeiçoada em bocas excitadas nos movimentos loucos das águas.aliinado vergão os cursos dos líquidos procurando derrubar no bafo as virilhas das formas primordiais.as águas além irrompendo noutro oceano invisível no seu peso. desconhecidos círios sondando outros caminhos inteiros no interior do seu próprio corpo.e vindo de longe muito longe dilacerando a carne ferrada sob o eco ímpio do movimento.escafandro louco de vozes seminais escalando a ordem da corrente o futuro que abre as feridas nos espigões que me alimentam ferozes.agora sob o inesgotável fluxo as palavras encarnadas de hemolinfa.movimento desenhado na urdidura do catorzeno a circulação obscura, como que exalando os **músculos abertos**,

Viagem

Quero reconstituir
as aves a fala dura.
Preceder o canto a
mudez das sombras.

Repudiar a desilusão
o sol prenhe nas quedas.
Prolongar a expectativa
a secura sob as chuvas.

Talvez o corpo das aves
se sacie entre as palavras
como as trevas dentro da luz.

Porque será nítido o espaço
as nascentes varais as vozes
excisas a benevolência do dilúvio.

momento exacto

Existe sempre um momento (no plural) que se voltasse atrás (ou se houvesse essa possibilidade) teria largado tudo no seu auge antes que se iniciasse a queda inevitável de tudo o que sobe pela mão humana e está destinada a voltar a cair. Eu voltaria atrás, fechava tudo num quarto de um hotel, trancava a porta à sua saída, saía porta fora e deitava a chave pela janela do carro, enquanto guiava sem destino para longe daquele sítio. Nunca mais voltaria para trás e em mim restariam apenas as boas recordações, imaculadas.

(a partir de Fernando Pessoa
e Herberto Helder)

Letras do relógio cantando mulheres cabelo do tamanho da
salsa alma joelhos de noite silveiras bravas abrindo no escuro
a cabeça do tique do ventre.

Cidade beneditina]

Sobre chão de coisas coordenadas

Engida por formigas, São as horas e as relações.

Torna-se na praia das pegadas fúnebres

Pela praia-mar, a deslocação.

PEDRO OLIVEIRA

O que significa que é hora de refeição...

De várias coisas

O que significa que de várias coisas é hora,

O que significa que de várias horas é refeição.

Refeição significa que é a várias horas,

Que o que significa a várias horas são as coisas

[coordenadoras.

O que significa que as coisas coordenadoras

São as horas e as refeições.

Um grão de areia na praia
Areal de formigas atarefadas
No ir e vir da maré.
Pé humano que pisa a areia molhada
Inunda a formiga que foge desesperada
Por entre prédios de vinte andares.
Cidade de areia
Sobre chão de homens
Erigida por formigas,
Torna-se na praia das pegadas fúnebres
Pela preia-mar da desolação.

DIANA PINTO PARRACHO

(Derivação de Florbela Espanca)

E é amar-te assim-assim,
É seres vida em mim assim-assim,
É ter fome e sede assim-assim,
É ter mil desejos assim-assim.

Que ter mil desejos sem ser assim não!
Que ter fome e sede sem ser assim também não!
Que vida em mim não assim é que não!
E amar-te perdidamente
E não assim-assim
Definitivamente NÃO!

DIANA PINTO PARRACHO

(Natureza) (humano) (tempo) (espaço)
Um grão de areia dançava no momento imenso

(Natureza)

E eram simplesmente mar.

(natureza+humano+tempo+espaço) (humano) (espaço) (natureza)

Neles hesitava um imenso grão de areia:

(metal) (vegetação)

pedaço de chumbo, folha de árvore.

(tempo) (natureza)

Momento transformado em mar.

OLGA PASCOAL

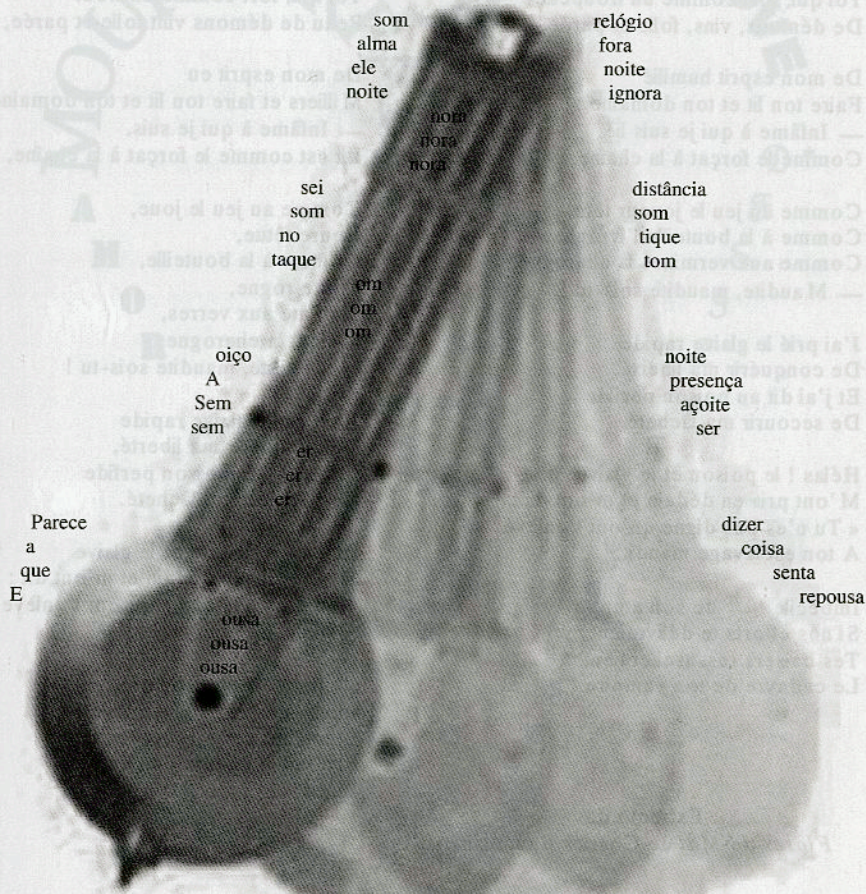
(A partir de Karen Blixen)

Ela sentia
Como se ela
Ela própria
Ela e Peter

Ela derreter-se
Ela dissolver-se
Ela fluxo de prazer
E ela salgada

Ela pelo mundo
Ela infinito
Ela oscilante
E ela molhada

(Derivação de "O som do relógio" de Fernando Pessoa)



LUCIE LAFAYE

Le Vampire

Toi qui, comme un coup de couteau,
Dans mon cœur plaintif es entrée ;
Toi qui, fort comme un troupeau
De démons, vins, folle et parée,

De mon esprit humilié
Faire ton lit et ton domaine ;
— Infâme à qui je suis lié
Comme le forçat à la chaîne,

Comme au jeu le joueur têtue,
Comme à la bouteille l'ivrogne,
Comme aux vermines la charogne,
— Maudite, maudite sois-tu !

J'ai prié le glaive rapide
De conquérir ma liberté,
Et j'ai dit au poison perfide
De secourir ma lâcheté.

Hélas ! le poison et le glaive
M'ont pris en dédain et m'ont dit :
« Tu n'es pas digne qu'ont t'enlève
A ton esclavage maudit,

Imbécile ! — de son empire
Si nos efforts te délivraient,
Tes baisers ressusciteraient
Le cadavre de ton vampire ! »

Extracto das
Flores do Mal de Charles Baudelaire

Le Vent Pire

Toi qui, comme un coude,
Couteau dans mon cœur plaintif es entré,
Toi qui, fort comme un trou,
Peau de démons vint folle et parée,

De mon esprit eu
Milliers et faire ton lit et ton domaine ;
— Infâme à qui je suis,
Lit est comme le forçat à la chaîne,

Comme au jeu le joue,
Heure têtue,
Comme à la bouteille,
L'ivre rogne,
Comme aux verres,
Minent la charogne,
— Maudite, maudite sois-tu !

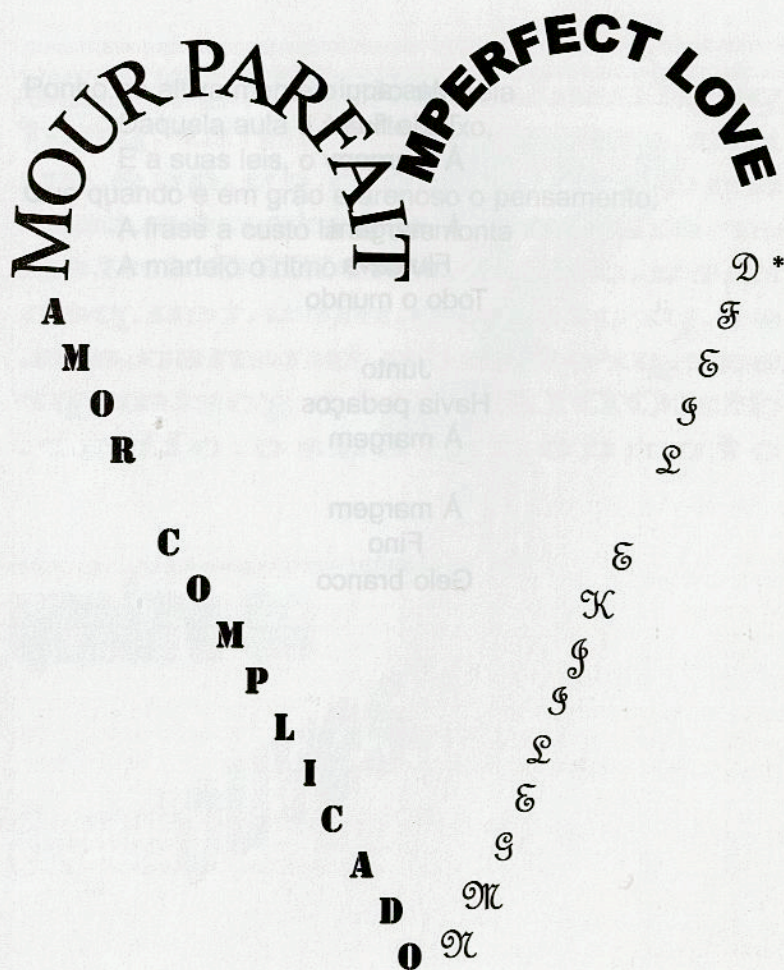
J'ai prié le glaive rapide
De conquérir ma liberté,
Et j'ai dit au poison perfide
De secourir ma lâcheté.

Hélas ! le poison et le glaive
M'ont pris en dédain et m'ont dit :
« Tu n'es pas digne qu'ont t'enlève
A ton esclavage maudit,

— Imbécile de Sonan !
Pire si nos efforts te délivrent
Et tes baisers ressuscitent
Errerait le cadavre de vent,
Pire ! »

Varição — “tradução”

Les Différentes Facettes de l'Amour



* impossible love (in Dutch)

SUSANA SANTOS

(A partir de Karen Blixen)

Mas aqui
Tudo fluía
À margem

À margem
Flutuava
Todo o mundo

Junto
Havia pedaços
À margem

À margem
Fino
Gelo branco

O não eu

(Derivação de Ricardo Reis)

Ponho na altiva mente o grão de areia
Daquela aula e à sorte deixo,
E a suas leis, o verso;
Que quando é em grão e arenoso o pensamento,
A frase a custo lá se desmonta
A martelo o ritmo o serve.

RAQUEL CASQUEIRA

Profundo/Intenso

(A partir de Karen Blixen)

**profundo.intenso.proble
ma.este.meu.sonhar.prof
undo.intenso.o.eu.que.qu
er.encontrar.intenso.teu.
meu.olhar.ODEIO.inten
so.profundo.meu.teu.pen
sar.profundo.intenso.ela.
diz.ODIAR.não.gostar.pr
ofundo.intenso.olhar.**

A margem

Fino

Gelo branco

O não eu

Ooo
 ooo
 ooo

Sem razão penso

Libertar as palavras

Lista

Sem nexos

As palavras

com sentidos não

Processo incessante

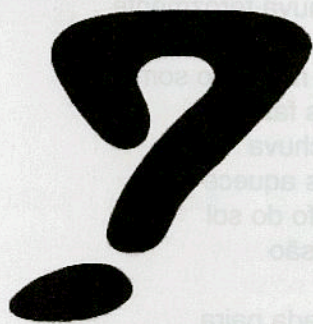
Que resiste

Em cada tentativa

Expressar a consciência a liberdade

Um outro

Um outro



eu

quebra-se

aqui ouves

JENNIFER MORAIS

Chuva

O que vier
Cai a chuva ferozmente
Aqui o som
Sem se molhar o som
Que nos fala
Vem a chuva
Que nos aquece
Desabafo do sol
Felizes são
Plantas
No ar nada paira
O que acontece
Chove da alma
Transparece

Palavras

- Inspiração criada
- Cascata de palavras
- Sem razão penso
- Libertar as palavras
- Lista
- Sem nexo
- As palavras
- Com sentido-não
- Processo incansável
- Que resiste
- Em cada tentativa
- Expandir a consciência da palavra
- Um outro
- Um outro desafio
- Desafiar a outra palavra
- Ser a palavra que desafia

JENNIFER MORAIS

Sem saber

Um vento tranquilo
Ser ar
Sem sabê-lo sinto,
Num hoje que é ontem
Falo sem voz,
Voz que não transmite;
O tempo toca,
A folha cresce,
A sombra desce;
Círculos no ar
No voar do mosquito;
Sem sabê-lo minto,
Torneira do tanque aberta,
Traços de caminhos
Sem passeio,
Colorida-mente
Caneta entre dedos;
Sem sabê-lo, pinto.

especial

MARGARIDA AMORIM

especial

**SEMANA CULTURAL
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA - 2006**

"De Mar a Mar"

Sem saber

SEMANA CULTURAL UNIVERSIDADE DE

Um vento ouvindo

Ser ar - 2006 COIMBRA

Sem saber me
tanto e sup eia nã

Por me voz,
estando em sup

"De Mar e Mar"

A
A

A
A

A
A

A
A

A
A

A
A

l a i q s e

MARGARIDA AMORIM

Canto ao mar

(derivação do "Cântico dos Cânticos"
traduzido por Fiana Hasse Pais Brandão)

do profundo do maior profundo arrasta-me
atrás de ti arrasta-me em tuas carícias
arrasta-me atrás de ti
puro espírito as tuas carícias
as tuas carícias espírito puro puro
pura a tua vinha minha para mim também
suave também leite também
leito de verdura
eu negra rosa negra entre os espinhos
tu luz doce doce na minha garganta
sinto doçura na minha garganta sinto
sobre mim o amor sobre mim o teu amor
sobre mim a tua voz atravessa montes
salta colinas salta salta sobre mim
a tua voz o teu cântico a hora do cântico
chegou o meu exílio meu passou
ergue-te a ti mesmo ergue-te e leva-me contigo
doente de amor que estou leva-me contigo

despojei-me da minha túnica tua e as tuas
madeixas tuas como palmas crespas crespas pendem
do meu corpo negras negras como corvo
do meu corpo que o sol enegreceu
pendem as tuas madeixas negras
leva-me contigo
do profundo do maior profundo de ti
comigo contigo chegarei a outro profundo sem tamanho

MARGARITA AMORIM

numa outra onda numa outra maré
cavalgando maramar
cavalgando amor
cavalgando minha alma minha tua alma tua
cavalgando cavalgando sem talvez talvez jamais
jamais te descobrir
encobrimento meu – teu até ao fim

mar de amar o mar de amante
 diamante dia-amante de sombra-mar
 jornada de mar amar
 (encontro na caverna submersa
 do mar em transe)

ciclos revoltos em luzes –
 baças de brancas,
 estriadas, –
 espumam ramos no gume
 sanguinário
 –, o pão que o diabo ,–
 comeu de duas vezes
 praias e trechos de passeio
 línguas luzidas em pés
 bronze-feitos, nus.

o tumulto veio com o ruído,
 morre por dentro da beleza,
 caiado no estuque de poros.
 sorvem-no por alto da balança,
 sugam letras onde
 – nem sequer –
 chegou a haver.

sem morte ao mar
 mar de sono a dormência dos navios
 descante o mastro bandeira o mar
 o sono a dormência do mar
 areia do mar dormente
 ópio do mar os dedos
 cavados no sangue
 do mar

JORGE FRAGOSO

Mar de amar

Modelo uma forma em forma de mar
poema de procura descubro no seu olhar
onda de pele estrela do mar de carne
via láctea dos dedos
mergulho no mar de amar
acima do mar marte se marte no mar
descansa num sossego no desmar desmar do mar

Amar o mar

em mar de amar
regresso à sombra sempre a sombra e a penumbra
do mar amado mar de amado amando o mar
em mar de amar

todo o corpo é mar de leite
mar de cama amante o mar
corpo de mar em corpo de amar
a traição dos dedos
de sal infiéis
fieis à voz de lágrima-mar
mar de sal quanto sal
quanto mar de sal no poema do sal do mar
as lágrimas do regresso
à língua à loa à lagoa leve
do mar da calma
calma mar

mar de amar o mar de amante
diamante dia-amante de sombra-mar
jornada de mar amar
(encontro na caverna submersa
do mar em transe)

Cavalga cavalo de mar
asas de onda
púrpura da cor dos tigres
infantes de carne ao mar
é o mar montada boca alada
arco de ave côncavo mar
paixão do voo de voar o mar
amar o mar amante amado o mar
língua de onda a correr
grutas cavadas no mar
que treme o mar soluço
o mar cilício mar de todos os nomes

som ancestral do poema
homem do poema
mais palavra que a morte
o mar da morte
sem morte ao mar
mar de sono a dormência dos navios
descente o mastro bandeira o mar
o sono a dormência do mar
areia do mar dormente
ópio do mar os dedos
cavados no sangue
do mar

o mar amante do mar de amar
se pudesse a citara
citar o mar todos os mares
do mar da cólera ao branco mar
mar da praia mar da palha
partidas de mar a mar
e todo o tempo do mar
e depois o mar do mar
e depois o mar sem mar
e depois o mar de amar
amante o mar do mar de amante
o regresso ao mar em transe
e ao mar
ao mar
ao mar
...

Poema Self-Service

se eu pudesse...
 atravessava o mar só pra sentir as ondas dando
 [cambalhotas no meu corpo
 corria para a areia bem quente,
 para ver minha saliva fazendo fumaça no chão
 agarrava a brisa com as unhas
 riscava na areia o desejo mais forte
 e sorria para os orixás não acariciarem as ondas
 ficava de joelhos no tempo sentindo os lábios se
 [dissolverem no grito
 deixava o corpo dançar com a roupa rasgada

a mercê dos ponteiros da vida
 contando suavemente
 menos um...

... menos um...

Pode ter um arpão a sangue

Pode ter uma barcarola depois da festa

Pode ter (raios de sol a rasgar) as mangas

Pode ter dias afogados em circo

Pode ter escadas opalinas

Pode ter galvotas automáticas

Pode ter vivas arreganhadas

Pode ter a nação inteira no dorso

Pode ter manchas negras pegajosas

AIRES GOMES FERNANDES

Mar delido

Desces por assinalados cantos
que passaram além-mar
Esforçados recados que ondeiam
no teu peito luz
Fundeio-me no bolinar da tua cruz de água
dorso mar
E soltas as amarras, vais
e amarras-te no não mar
Remota sina deste reino enrolado
no xaile azul
a de ser do tamanho mar corrente
preso no espelho d'alma mar
Transtorno sonoro, sós, intimamente marulhando
mar solto, envolto
Voltarás de face índica
e serás mar
Meu dorso mar, aguado eternamente, por olhos de um povo
que verte Portugal
para o teu âmago de mar e dor.

Poema Self-Service

Isto é um poema sobre o mar.
Pode servir-se do que quiser para pôr no poema sobre o mar.
O poema pode ter peixinhos
– ou não.
Pode ter corais e algas – ou não.
Pode ter sal – ou ser insosso.
Pode ter azul e espuma – ou não.
Pode ter uma onda – ou não – ou duas ou a rebentação inteira.
Pode ter conchas búzios – ou não.
Pode ter alguém a atirar-lhe pedrinhas para dentro
Pode ter a Atlântida toda debaixo dos pés
Pode ter o anzol cravado no peito dum pescador
Pode ter uma estátua de açafão à memória dos gritos
Pode ter um arpão a sangrar sereias
Pode ter uma barcarola depois da tempestade
Pode ter (raios de sol a rasgar) guelras vermelhas
Pode ter dias afogados em círculos concêntricos
Pode ter escadas opalinas para a lonjura
Pode ter gaivotas automáticas
Pode ter viúvas arreganhadas
Pode ter a nação inteira no dorso
Pode ter manchas negras pegajosas

Pode ter peixes que assomam nos teus olhos peixes que
não têm escamas peixes que têm caudas
frondosas donde pendem goivos tristes peixes que
não têm espinhas peixes que são em forma de pera
peixes que –

se incendeiaram quando mergulham.

O poema até pode ter mar.

Depois, acrescentar alguns pormenores, tempero q.b.

e, por fim, misture tudo como lhe aprouver:

A metáfora grandiloquente, a aliteração sonora, a
metonímia conveniente, a sinédoque premente ...

et voilà: um poema sobre o mar.

CÂNTICO da ÁGUA I

Sou filho das águas encarnei o que gerou o meu útero amaldiçoei-o
e não o desejei.
Correrei agora e desaguarei em oceanos pelas virilhas da ardósia
hei-de encarnar os três orgasmos de desamor e lágrimas nuas amaldiçoei-os
e não os ameii.
Suplicaram-me os escafandros as quatro fêmeas da água ouviste os orgasmos
acaso o meu corpo?

Desperto me inclinei no horizonte que achei aquelas que acharam a blasfêmia
lugares sem água nem lei
o gnomo que pinta acessos futuros animais passados corpos celestes
onde a raiva amaram.
Como cães de água maduros os três cavaleiros brancos que se banham
na baba límpida que semeiei
e de que farei o limite redondo e áspero da paisagem que se queira.
Quem é como carne ameaçada de aromas de mel e terra encapuçada
bebe a alma da cólera
no contágio das águas de Enki o trabalho do sangue dos sete guerreiros
dos barcos silenciosos?

Esta é a viagem a doçura dos assassinos que a circundam espuma
dos assassinos das guelras.
Eu disse subirei pelas traves prenderei os archotes sábios e ágeis
das palavras para a morte.
Uma viagem que faz a doçura dos lábios da fêmea intrusa na ferocidade
da Primavera enxuta e uma
guardada sob o amor encoberto nos subúrbios afiliados na dor do desejo.

Raízes de prata e ouro fino por entre as franjas a urdidura da carne pestilenta
um feixe de linhas brutais
em suas grutas tremendamente vivas e claras sob a pupila do desejo
dos cães da água.
Saí agora e vede de mar a mar a doçura com as gusas impuras
de que se cinge encantado
o meu corpo em dia de estio brilhante dia de fábulas em movimento
navegar golfos de sangue.
Sou filho das águas o amor dos antíscios em tempo de menstruação irrevogável
fecundas as mágoas
das sete crias na agonia da dor o búzio semi-cego bem vivo no ritmo
do choro unigénito
eco alfa procriando como ostras solitárias de sílabas.

CONCEIÇÃO RIACHOS

Cântico do mar

- O meu mar vermelho é o arco, da sua cabeça pendem palmas, arcos que se lavam, na amplitude da face
- Aromas misturados sulcam os lábios, jacintos líquidos circulam no mar, marfim e branco de corais
- Levanto-me mar e os meus dedos acendem em ti cadeados de muralhas
- Vim, colhi o mar, a mirra e o mármore, no mar bebi a cabeça do orvalho, nas gotas da noite
- O meu mar, poço de água, riacho caudaloso, fechou a porta encerrada, com vagas de doçura
- Comi o sal e o sol mar, lavei os pés no mar dos teus cabelos
- Antes que o mar meu amigo, fuja das sombras da manhã saí, mar, com o fio de carmim fiado, no banho dos navios
- Contigo, meu mar, levaste a minha irmã, o meu amar!
- Por ti, mar, o mundo colocou um anel, cor de mar, na tua fronte
- Vos rogo mar, ouro fino, bálsamo, jardim! Torna-te fiel torpor!
- No meu leito busquei amar o mar, no ondear branco, a dançar
- Ó mar amado, mar unido que cavalgas vagas e velas, mar semelhante, mar montanha, mar voz
- Tu, mar suave, leito de verdura, rota, doca, cabo, adorno de pérolas nos rochedos!
- Mar fruto, luz na minha garganta, rodeai-me de sombras sombras suaves que me saúdem!

- recensão VINCENZO BISSO
- Ó mar nascente, que guardas nas grutas o grito dos gigantes
 - Pisa no rasto das moradas, a luz do teu nome, antes que o som sem tamanho, cesse a coroa que o cingiu
 - Aonde foi o teu mar, ó mar divino? Desceu aos canteiros da ondulação, onde os pendões desfraldados franjam fragmentos de céu!
 - Desvia a aurora, mar, porque o sol desce dos vales adolescentes como a oração na tormenta!
 - Regressa mar, na púrpura do rei, ó mar, e sobe à palmeira da embriaguês, onde a noite escorre canais adormecidos!
 - De um só beijo, mar, abre a porta velha da mandrágora!
 - De mar a mar, ó mar, o fluxo do mar, no vaso redondo, a terra o marear!
- ANTOLOGIA DO FIM:
O SÉCULO DE DOURO PORTUGUÊS

SOMENOS

— Ó mar nascente, que guardas nas gúrtas o grito das crianças
— Pisa no rosto das mordas, a luz do teu nome, antes que o
som sem tamanho, cesse a coroa que o cingiu
— Aonde foi o teu mar, ó mar? Onde Deuseu nos caminhos da
ondulação, onde os penhões desfilados tramam

fragmentos de céu!
— Desvia a cabeça, mar, porque o sol cresce das vales
adulcentes como a língua na lenda que sobre a terra
se ergue a noite, a noite do mar, a noite do mar, a noite do mar
da empingues, onde a noite escorre como o leite do leite
— De um só peito, mar, esta é para vales da mandrágora

— De mar a mar, o mar, o luto do mar, no vaso redondo
também mataram os correntes e a noite e a noite e a noite e a noite

— O meu mar, o meu mar, o meu mar, o meu mar, o meu mar
mar no pé do vento, mar no pé do vento, mar no pé do vento

— Manhã das sombras da manhã, manhã das sombras da manhã
sovia no banho dos navios, no banho dos navios, no banho dos navios

— Cante, mar, cante, mar, cante, mar, cante, mar, cante, mar
— Para o mar, o mar, o mar, o mar, o mar, o mar, o mar, o mar

— Torna-te fiel torpor! Torna-te fiel torpor! Torna-te fiel torpor!
— No mar, no mar, no mar, no mar, no mar, no mar, no mar, no mar

— Ó mar, ó mar, ó mar, ó mar, ó mar, ó mar, ó mar, ó mar
sombra, sombra, sombra, sombra, sombra, sombra, sombra, sombra

— Tu, mar, tu, mar, tu, mar, tu, mar, tu, mar, tu, mar, tu, mar
— Pérolas, pérolas, pérolas, pérolas, pérolas, pérolas, pérolas, pérolas
— Fruto, fruto, fruto, fruto, fruto, fruto, fruto, fruto
— Fruto, fruto, fruto, fruto, fruto, fruto, fruto, fruto

A ANTOLOGIA DO FIM:
O SÉCULO DE OURO PORTUGUÊS

A ANTOLOGIA DO FIM:
O SÉCULO DE OURO PORTUGUÊS

Osvaldo Manuel Silveira e Pedro Serra (Org.), *Século de Ouro. Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX*, Lisboa-Cóimbra-Grécia: Antaeus Novus e Cotovia, 2002.

José Régio (Seleç., Pref. e Notas), *Líricas Portuguesas*, Lisboa: Portugália Editora, 1.ª série, 2.ª ed., 1959, pág. 13.

Carlo Ossola, «Antologia come ontologia», in Carlo Ossola (a cura di), *Stato e Strano. L'antologia di italiano nella scuola media inferiore*, Bologna, Il Mulino, 1978, pág. 12.

VINCENTO RUSSO

1991

O SÉCULO DE OURO PORTUGUÊS
A ANTOLOGIA DO FIM:

1991

A ANTOLOGIA DO FIM:
O SÉCULO DE OURO PORTUGUÊS¹

Sabe-se que, pela sua própria natureza, nenhuma antologia pode aspirar ao consenso, nem tão pouco à unanimidade. O inevitável “não batam no antologista”, em resposta e em defesa do igualmente inevitável coro polémico, ecoava já em José Régio nos seguintes termos: «Desista qualquer organizador de qualquer antologia de sonhar sequer com uma maioria – quanto mais com a unanimidade! – de aprovações ao seu trabalho»². A forma da antologia, sobretudo se se tratar de uma antologia de poesia – com efeito, o género lírico é o que melhor se presta a esta prática –, representa o “lugar institucional da citação” e, como escreve Carlo Ossola, um verdadeiro «género da repetição (de um texto-matriz, reduzido a excertos e somado), antes ainda da eleição (daquele texto em particular, entre tantos outros possíveis)»³. No entanto, é quase exclusivamente esta mesma escolha, selecção (e os critérios desta) e os consequentes gestos de inclusão e de exclusão que toda a antologia pressupõe que provocam debates e polémicas. Se, depois, o objecto da antologia é a lírica portuguesa (desde sempre a forma mais avançada da cultura nacional, muito frequentemente individuada com a

¹ Osvaldo Manuel Silvestre e Pedro Serra (Org.), *Século de Ouro. Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX*, Lisboa-Coimbra-Braga, Angelus Novus e Cotovia, 2002.

² José Régio (Selec., Pref. e Notas), *Líricas Portuguesas*, Lisboa, Portugália Editora, 1.ª série, 3.ª ed., 1959, pág. 13.

³ Carlo Ossola, «Antologia come ontologia», in Carlo Ossola (a cura di), *Brano a Brano. L'antologia di italiano nella scuola media inferiore*, Bologna, Il Mulino, 1978, pág. 12.

perigosa e cativante equação *Lirismo/Portugal*) e, mais concretamente, a lírica do século XX, um século de “ouro” (como, de resto, se auto-proclamou conscientemente ao longo dos anos – lembre-se, em primeiro lugar, o caso de Eugénio de Andrade – e como hoje foi intitulada *postumamente* esta *Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX*), a questão acresce-se inevitavelmente de tons polémicos que transcendem o verdadeiro âmbito literário. Não por acaso as primeiras reacções «a quente» à publicação da antologia, pondo de parte qualquer interesse de análise não só pelos textos seleccionados, mas também pelos próprios mecanismos constitutivos de organização, foram de dura polémica, devido à “célebre” exclusão de autores⁴ (ainda que esta antologia seja uma antologia não de autores, mas de textos)⁵.

Com efeito, tal como se deduz da própria derivação etimológica do termo “antologia”, mais precisamente um florilégio, o momento electivo – que produz uma nova *dispositio* dos materiais – muitas vezes torna obscuro o pressuposto de qualquer operação antológica, que é o fazer-se a repetição de textos já oferecidos e entregues à repetível continuidade do/no futuro.

⁴ Cf., por exemplo, o artigo «*Intelligentsia* deixa de fora mais de 30 autores», *Diário de Notícias*, 15 de Novembro 2002.

⁵ A polémica forjada pela leitura simplista inclusão/exclusão de certos autores foi muito além da pura *querelle* literária. A intervenção da política, metaforizada pelo “Manifesto contra uma antologia poética grosseiramente discriminatória”, subscrita por um grupo de deputados do Partido Socialista e do Partido Social Democrata, indignados pela ausência na antologia (lembre-se que esta foi patrocinada e financiada por “Coimbra, Capital da Cultura 2003”) de certos poetas proeminentes como Miguel Torga, Afonso Duarte e Manuel Alegre, todos eles, além do mais, oriundos de Coimbra, se, por um lado, revela a pretensão, a partir do «alto» (e por isso “suspeita”: Manuel Alegre é deputado do Partido Socialista), de influenciar, se não mesmo controlar, o cânone, por outro, dá conta do estado de saúde do género lírico em Portugal (moribundo a nível público noutros países), onde a poesia suscita ainda uma forte discussão institucional sobre a identidade e a cultura do seu povo.

Quem colhe flores, colhe-as sempre de um jardim já existente («A Antologia é sempre uma selecção [...] de segundo grau»⁶); escolhida a flor, entre todas as *outras* flores (e também entre todas as outras ervas daninhas), a antologia garante a sua repetibilidade, ou seja, como diz ainda Carlo Ossola, «codifica o parcial como repetível, em lugar do todo»: a parcialidade assume-se, digamos, impõe-se como exemplaridade; a flor, o que resta, tendo atravessado uma desintegração do todo, do jardim, adquire um *surplus* de valor, de tal modo que o excerto, a poesia, em vez de se apresentar como «resto, residuo de banquete já prodigalizado por Epulões omnívoros», apresenta-se como um «viático prelibador, *summa* suficiente para substituir na memória a leitura directa dos textos»⁷.

Todavia, a provocação do *Século de Ouro* situa-se para além da *hybris*, da transgressão antologiadora, operação de memória e de esquecimento. A sua especificidade, ou melhor dizendo, a sua atipicidade reside 1) no facto de ser uma antologia constituída não por poetas, mas por “poemas” do século XX, já evidente no título *Antologia de poemas portugueses modernos*, organizada por António Botto e Fernando Pessoa⁸; 2) no facto de ser *crítica*, isto é, de críticos, na sua maioria académicos “escolhidos”, que seleccionam, por «preferências pessoais», não imunes à especialização⁹ de cada

⁶ A. Quondam, «Ideologia e struttura della forma antologia», in *Petrarchismo mediato. Per una critica della forma «antologia»*, Roma, Bulzoni, 1974, pág. 15.

⁷ C. Ossola, *op. cit.*, pág. 16.

⁸ Fernando Pessoa e António Botto (Org.), *Antologia de Poemas Portugueses Modernos*, Coimbra, Nobel, 1944.

⁹ Para uma futura discussão sobre esta antologia poder-se-á interrogar o tipo de consequências que esta implica, por exemplo, a escolha de um texto de Jorge de Sena por parte de um seniano e de um não-seniano, sobretudo tendo em vista a apresentação de um ensaio; e ainda se as escolhas teriam recaído

um deles, três poemas, por ordem numérica, tornando-se apenas um o objecto de um breve comentário de três ou quatro páginas, no máximo, e, sobretudo, 3) no facto de assumir como critério de organização dos textos – explicitado na longa introdução (intitulada «Desaprender (com) a História») escrita a quatro mãos por Osvaldo Manuel Silvestre e Pedro Serra – um princípio aleatório, em detrimento de princípios de tipo cronológico (biográfico-historicista) ou convencional (alfabético, por poéticas ou escolas, etc.)¹⁰.

Desta forma, a antologia parte de um pressuposto de acordo com o qual o século XX – e isto apesar de ter terminado há bem pouco tempo (com toda a confusão de celebrações que este fim produziu) –, em determinados aspectos, estaria apenas agora a começar: a nossa saída do século não se verificou plenamente devido à inevitável posteridade que acompanha toda a consciência histórica, devido ao irremediável intervalo entre «viver a história» e «escrever a história» (Introdução, pág. 15). Quem aspira a fazer a história (literária ou mais precisamente lírica) do século XX português não pode senão anunciar que hoje este já não representa o nosso futuro, mas sim o nosso passado e que só a distância

sobre os mesmos poemas se não tivesse existido a “tarefa” de os comentar; ou então se, quando o ensaísta escolhe o seu tríptico, não é influenciado pelo conhecimento que tem, ou não tem, da lista dos outros ensaístas, como se fosse induzido a ser “original a todos os custos”.

¹⁰ O resultado das respostas (os poemas mais votados) foi confiado à *ordem do aleatório*, tendo como cúmplice um computador que produziu, no fim, uma série não-linear de textos poéticos (em rigor são 73 poemas seguidos de um breve “ensaio” crítico em representação de um número igual de colaboradores, num total de 47 poetas, 49 se contarmos com Álvaro de Campos e Ricardo Reis). Entre os ensaístas, cuja primeira lista previa que fossem 87, surgem muitos nomes de poetas (5 estão integrados em ambos os grupos, o dos “críticos” e o dos “criticados”), o que reconfirma a reversibilidade e a porosidade da literatura portuguesa do século XX como uma “dupla” literatura de críticos e poetas.

em relação a este último nos permite compreendê-lo e representá-lo. A introdução de Osvaldo Silvestre e Pedro Serra nega tudo isto à antologia *Século de Ouro*: liquidada a história, a reivindicação do livro não é ser um volume de «História Literária», mas sim constituir-se – também graças aos mecanismos de funcionamento – como produto *pós-histórico*, fruto, certamente, da «alteração significativa, e mesmo drástica, na estrutura da temporalidade que rege a nossa experiência quotidiana neste virar do século» (pág. 49) e que à linearidade (passado, presente, futuro) da história cadenciada pelas modernas categorias de sujeito, causalidade e acção, pretende opor a «simultaneidade e imediaticidade do passado» (pág. 55). O retorno à centralidade dos textos poéticos (o título do “poema” precede significativamente o nome do autor, tal como na antologia de Pessoa e Botto, onde no índice até se esquecia o nome do poeta) é revelador da vontade de suspender qualquer resíduo de historicidade: o carácter aleatório da organização dos textos força até à inoperatividade a sequência cronológica (e, portanto, qualquer teleologia a ela ligada). Tal como acontece na melhor literatura experimental (não por acaso se cita Raymond Queneau), a ordem dos poemas, por sua vez já fora do lugar que a história literária lhes tinha atribuído com rigor, é potencialmente apenas *uma das possíveis*, à qual a forma de livro, num certo sentido, obriga. Confirmando um projecto *pós-histórico*, pelo menos do ponto de vista dos textos poéticos escolhidos, a antologia reivindica a sua ausência de autor(idade) «por excesso de autores»: ao não possuir um centro, um legislador único, tal como acontecia nas antologias do cânone do século XX (pense-se em todos os poetas-críticos, como Jorge de Sena e E. M. de Melo e Castro), a antologia, instituída com base na dispersão de todas as escolhas, torna-se *heteronímica* por

causa dos seus muitos nomes (será que a sociedade da “google-ização” não deixa verdadeiramente nenhuma dúvida em relação à efectiva existência destes? Será que as biografias finais dos críticos garantem sempre a veracidade?). O centro desaparece, pois o modelo desta antologia é rizomático: «ela elabora-se como uma proliferação de sujeitos (poetas e ensaístas) que critica qualquer tentativa e tentação de reconduzir esta obra a uma identidade originária e fundante» (pág. 44). Não é por acaso que esta antologia reconhece o século XX como um século pessoano (diga-se, de imediato, não só por causa do poeta dos heterónimos, como também por todos os seus sucessores e antecessores), recordando o Borges da homenagem («Hoje és tu o poeta de Portugal») e não é igualmente um acaso o facto de serem precisamente os “poemas” de um poeta-engenheiro naval que não existe (e que nunca existiu) a terem uma maior representação.

Mas se, como propõem os dois organizadores, é possível ver no *Século de Ouro* um duplo livro, de líricas e de críticas, a própria interpretação do poema que lhe está espacialmente contígua (a ser realizada em regime de *close reading*, sem título, sem referências bibliográficas, sem notas de pé de página) não produz outro efeito que não o reforço dos termos do projecto pós-histórico de toda a antologia: o crítico que lê o texto deve aprender a “desaprender” a distância, a sua leitura, longe das pretensões de um olhar académico sobre o texto, assim como da pretensão de reconstruir as várias sedimentações críticas acumuladas ao longo do tempo, ambas modalidades de um historicismo feito hábito» (pág. 57), deve ser entendida como suplemento capaz de presentificar o intervalo entre texto poético e texto crítico.

Se depois, como é óbvio, antologia e cânone estão inseparavelmente ligados, ao mesmo tempo que «escolher os textos canónicos, o Cânone, ou antologiar, isto é, escolher os (micro)textos a ler (e, desta forma, o seu cânone total), significa sempre gerir a Memória, um lugar-chave da estrutura do poder, na sociedade antiga e moderna»¹¹, o *Século de Ouro*, por tudo aquilo que foi dito, mais do que propor e promover uma canonicidade (que alguns autores, talvez mais recentes, terão provavelmente de conquistar no futuro, também graças ao contributo desta antologia, cf. nota 61), mostra a provisoriabilidade de toda a “grande lista”, mesmo que esta seja elaborada por “grandes eleitores”. Antologia pós-histórica, o *Século de Ouro*, fruto disperso, porque parcelar, daquilo que se poderá definir como um “*New Criticism* português”, acolhe no seu próprio interior, a um só tempo, cânone e anti-cânone, tendências convergentes e divergentes de consenso, numa hibridação fecunda de perspectivas críticas e de recuperações poéticas, impedindo qualquer tentativa de ler os seus resultados¹² como um peremptório juízo final (fora dos tempos)¹³.

O projecto pós-histórico que subjaz a toda a antologia é explicitado nas últimas linhas da introdução, onde se diz: «A pós-história é antes neste livro esse exercício crítico que coloca sob suspeita todas as pretensões a uma posteridade apaziguada e feliz. Não somos os pósteros do século XX,

¹¹ R. Antonelli, «L'antologia, il tempo e la memoria», in *L'Antologia Poética*, “Crítica del Testo”, II/1, 1999, Viella, Roma, 1999, pág. viii.

¹² Referimo-nos à polémica contra esta nova crítica portuguesa, por parte de quem a rotulou de crítica do «ressentimento», em relação a uma certa linha neo-realista e militante, derrotada perante a linha surrealista, em nome de velhas rivalidades que, nesta antologia, teriam chegado, depois de decênios, a uma espécie de combate final.

¹³ «*Século de Ouro* propõe-se “antologia” pouco apocalíptica [...] O aleatório que variavelmente o “estrutura” não permite aliás dramatizar aquilo que não é

não somos os executores testamentários do século XX, que mais uma vez, no caso da poesia portuguesa, não acabou: *Século de Ouro* é meramente o nome de mais um dos seus recomeços» (pág. 65).

Com efeito, as antologias do fim, bem como todas as culturas do fim, parafraseando Carlo Ossola, são ótimos instrumentos para assinalar inícios.

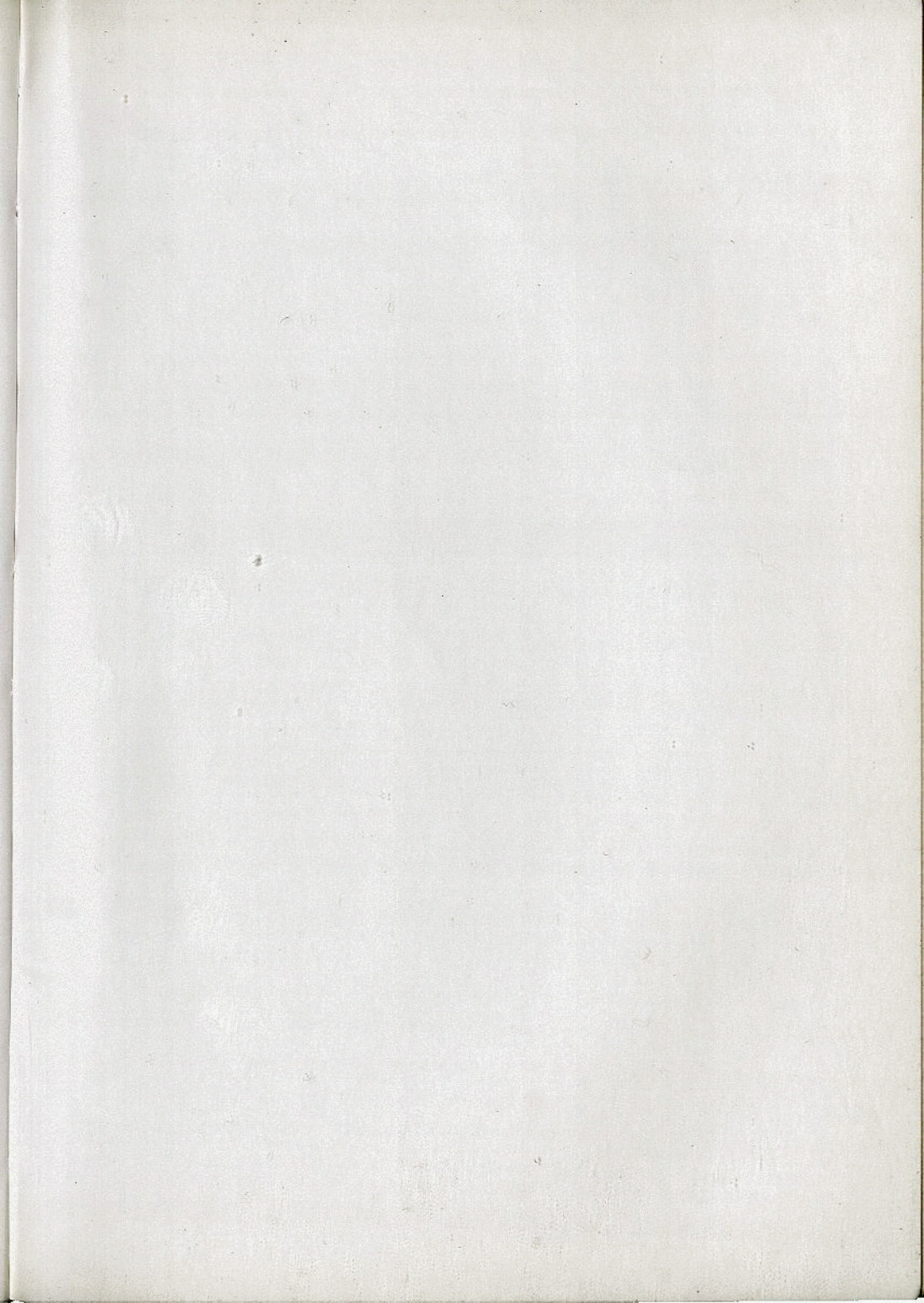
senão um jogar de dados. Isto significa que ausências/presenças devem ser tomadas por aquilo que são: resultado da pura contingência [...] Vitórias e derrotas "históricas" não chega também a haver, pois um tal saldo só seria contabilizável se, justamente, nos situássemos no fim dos tempos de um juízo final», citado de uma entrevista a Osvaldo Manuel Silvestre e a Pedro Serra por Manuel Gusmão em «O tempo da poesia: uma constelação precária. Sobre uma antologia do século», *Inimigo Rumor*, n.º 14, 1.º semestre 2003, pág. 221.

Índice

Editorial	5
Fernando Lemos	7
Feliciano de Mira	10
Florianio Martins	22
Lourenço Cardoso	27
“Oficina de Poesia” nas Escolas	35
Martha Morais	46
Margarida Amorim	53
Nuno Duarte	56
Pedro Sousa Silva	58
Sandra Guerreiro	60
Jorge Fragoso	62
Conceição Riachos	64
Liliana Vasques	66
Rebecca Lyrio	69
Filipe Tavares	71
Aires Gomes Fernandes	75
Ângela Canez	77
Catarina Costa	80
L. Altério	83
aNa B	85
Rita Grácio	88
João Rasteiro	90
Nuno Carrilho	92
Céu Caxias	93
Pedro Oliveira	94
João Pedro Rego Cardoso	95
Diana Pinto Parracho	96
Olga Pascoal	98
Lucie Lafaye	100
Susana Santos	102
Inês Carvalho	103
Raquel Casqueira	104
Jennifer Morais	106
Semana Cultural Universidade de Coimbra 2006	
De Mar a Mar	109
Margarida Amorim	111
Nuno Duarte	113
Jorge Fragoso	114
Rebecca Lyrio	117
Aires Gomes Fernandes	118
Rita Grácio	119
João Rasteiro	121
Conceição Riachos	124
Vincenzo Russo (recensão)	127

Índice

mais uma vez, no caso da poesia portuguesa, não acabou:
 Edição
 Fernando Lemos 2
 Feliciano de Mira 10 (pág. 65)
 Floriano Martins 22
 Fundação de Estudos e de Investigação em Ciências Sociais 27
 "Oficina de Poesia nas Escolas"
 Margarida Amond 48
 Margarida Amond 53
 Nuno Duarte 50
 Pedro Sousa Silva 58
 Sandra Guerreiro 60
 Jorge Fagoso 62
 Conceição Riechto 64
 Liliana Vasques 66
 Rebecca Lyrio 71
 Filipe Távares 75
 Aires Gomes Fernandes 77
 Ângela Carne 80
 Catarina Costa 83
 L. Alléno 85
 Ana B 88
 Rita Grácio 90
 João Rasteiro 92
 Nuno Camilo 93
 Ceu Caxias 94
 Pedro Oliveira 95
 João Pedro Rego Cardoso 96
 Diana Pinto Paracho 98
 Olga Pascoal 100
 Luísa Lataye 102
 Susana Santos 103
 Inês Carvalho 104
 Raquel Casqueiras 100
 Jennifer Morris 100
 Semana Cultural Universidade de Coimbra 2008
 De Mar a Mar 100
 Margarida Amond 111
 Nuno Duarte 113
 Jorge Fagoso 114
 Rebecca Lyrio 117
 Aires Gomes Fernandes 119
 Rita Grácio 120
 João Rasteiro 121
 Conceição Riechto 124
 Vincenzo Russo (recensão) 125



Não mais que desejo...
Seria!
Vencer um século
de plena poesia
em menos décadas
ter toda certeza
reduzindo anos
numa década só
roubar de cada ano
alimento suficiente
para curtos meses
Criar algo suportável
para um mês
em agenda de semana
Viajar c/ urgência
numa semana breve
só apenas meios dias
Ser amado
serenamente no
desesperado dia
de poucas horas
Descobrir o silêncio
e a hora absoluta
gasta sem demora
Gritar aos ventos
um minuto do sol
no destino vertical
Inventar o segundo
derradeiro
na luz horizontal

Deixar o novo ano
surgir em desenho
curvado ao pontual
tal qual o sonho
ao ser por dentro
reinaugurado
Desenhos originais
desfalcados
em tempos seminais
seria festejar antes
que o vôo seja como nós
caminhantes
Dia-sim-dia-não
desiguais na duração
eternos não revelados
A idade do futuro
que daria para perder
o tempo de vencer
Ser e não antever
saber o não virtual
e viver como esquecer
Seria seria
mais dia-menos-dia
intervalo de morrer
tempo
rigor que vicia

Fernando Lemos

Apoios:



Reitoria da Universidade de Coimbra
Conselho Directivo da Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra



centro de estudos sociais
FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA